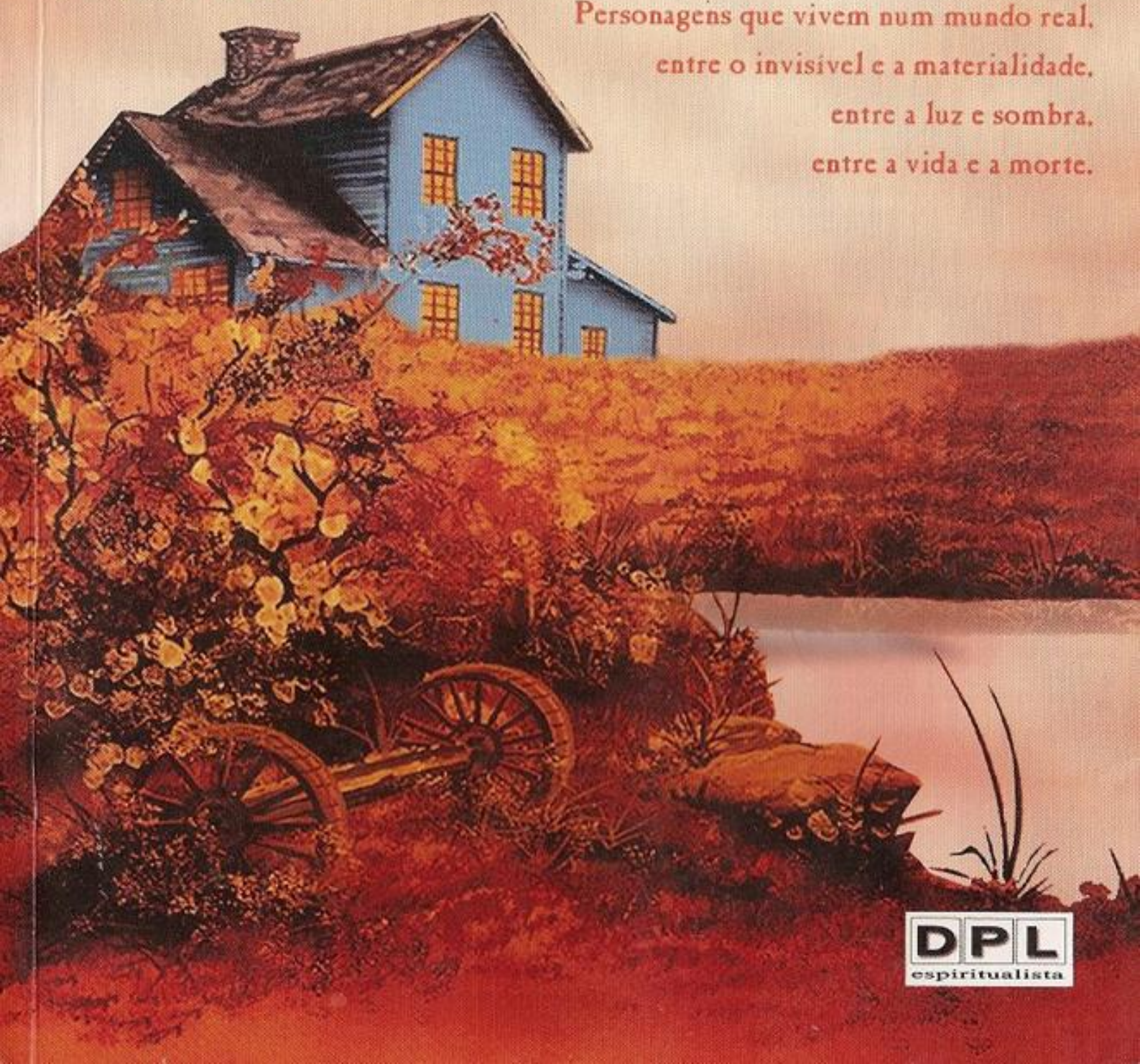


# Uma Casa Azul na Colina

Zenilda Ferreira Rezende

Romance

Personagens que vivem num mundo real,  
entre o invisível e a materialidade,  
entre a luz e sombra,  
entre a vida e a morte.





# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org).



[www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org)

## Romance

Uma história envolvente e apaixonante do início ao fim. *Uma Casa Azul na Colina*, de Zenilda Ferreira Rezende, apresenta uma narrativa que oscila entre a realidade e o sonho, marcada por um tênue fio divisório.

À medida que os fatos se desenrolam, imprevisíveis e surpreendentes, o invisível e a materialidade se interpenetram e revelam um mundo insuspeitado.

Sobressai em *Uma Casa Azul na Colina* o sentido de atualidade da família, uma instituição a ser preservada a partir dos pequenos eventos do dia-a-dia, nas atitudes de cada integrante na relação com o próximo e nas palavras ditas muitas vezes de forma impensada.

Zenilda Ferreira Rezende nos proporciona, em que pese a simplicidade com que desvela a história, uma profunda e inesquecível lição de vida.

\*\*\*

A vida se desenrola para cada um de nós, dia após dia, à maneira de um riacho, procurando caminhos, contornando obstáculos, rumo a um destino ignorado.

Paralelamente aos acontecimentos, aparentemente triviais e inconsequentes, subjaz a realidade espiritual, que tão poucos ainda conseguem perceber.

Para esses, muitas vezes, tudo não passa de mera realidade onírica.

*Uma Casa Azul na Colina*, de Zenilda Ferreira Rezende, transforma o simples ato da leitura, ao longo de uma narrativa que se desenvolve com palavras simples e frases diretas, num mergulho gradativo em um universo aparentemente sombrio.

Aos poucos, os cenários se definem e as personagens desempenham seus papéis em diálogos intrigantes.

Os mistérios da vida esclarecem-se em segredos transparentes à percepção daqueles que ultrapassam o véu que se interpõe no limiar dos mundos invisível e material; então, de uma forma natural, as coisas começam a fazer sentido e se descobre o quanto é necessário saber viver e conviver com o próximo.

\*\*\*

"– Quer dizer que o problema mais doloroso que você já enfrentou vai ficar em segundo plano?"

– Esta é uma das maravilhas desta colina. Não consigo me fixar e nem me desesperar pela situação de minha filha desde que aqui cheguei. Parece que estou anestesiada contra tragédias existenciais.

– Isto me abre a mente e me faz perceber melhor o resto do mundo à minha volta.

– Desconfio que isto tem algo a ver com o chá que a dona desta casa nos serve.

– Não vou mais bebê-lo. Percebo que minha sensibilidade está começando a querer funcionar novamente, principalmente quando estou aqui. Já sinto irritabilidade e tenho que me controlar para que a ansiedade não se aposses de mim.

– Gostaria de ouvir logo as suas explicações porque não sei por quanto tempo poderei permanecer neste lugar, independentemente da volta do Emanuel com meu marido."

(Trecho da Obra)

## Uma Casa Azul na Colina

A estrada seguia rio acima. Era tardinha, quase noite e meu marido dirigia a mais de 100 Km por hora. Fosse algum tempo atrás eu certamente estaria aflita, reclamando e pedindo para que ele diminuísse a velocidade, embora naquele momento a estrada estivesse quase deserta.

Porém, ultimamente eu não estava me importando mesmo com nada. Ia sentada ao lado dele, mas na verdade estava bem longe dali. Eu pensava em Vânia.

Ela era ainda tão pequenina! Apenas três anos de vida e precisava ficar sozinha naquele hospital grande e triste, doente e longe de mim.

Quando Sérgio se virava para mim, tinha tanta tristeza em seu olhar, que disfarçava em direção à janela, ficando a observar aquela paisagem tão igual, que parecia um cenário se deslocando de lá para cá, de cá para lá.

Até três anos antes nossa vida tinha sido tão diferente! Uma família ativa, alegre, muito feliz.

Isto graças ao respeito e ao carinho que nos unia, aliados à alegria sempre presente em Valéria e Elisabeth, nossas filhas mais velhas, já com oito e nove anos na época em que Vânia nasceu.

Eu não estava muito animada com a ideia de ter um novo bebê, mas o Sérgio desejava tanto ser pai de um menino, que resolvemos fazer uma última tentativa.

— E se vier uma outra garotinha? perguntei-lhe um dia enquanto fazíamos planos para o novo membro na família que estava prestes a chegar.

— Tudo bem, disse ele. Afinal nós temos condições de nos permitir o luxo de cuidar de mais de uma criança. Além de quê, sempre existe a possibilidade de nascer um garotão. — Se isto acontecer, pode estar certa de que irei festejar durante um mês inteirinho.

— Quer dizer que se for outra menina, nada de comemoração? perguntei fingindo estar muito zangada.

— Não é nada disso, Helena.

— Você sabe muito bem que eu não tenho nada contra mulheres.

— Muito pelo contrário, adoro as três que tenho em casa, e se por acaso chegar mais uma, vejo apenas um problema: o trabalhão que terei em manter em seus devidos lugares os gaviões da vida.

— Mas, pela diferença de idade entre ela e as irmãs, quando chegar a hora, estarei bem preparado para lidar com os espertinhos.

— Mas vai amá-la também. Promete?

— Infelizmente para você e as meninas, terão mesmo que me dividir.

— Eu já amo este bebê independentemente de ser menino ou menina.

— A maioria das mães imagina que só elas têm o privilégio de poder amar um filho antes dele nascer. Isto não é verdade. Amei antes de conhecer a Valéria e a Elisabeth, e também me sinto apaixonado por este ou esta que está para chegar.

Este diálogo que tivemos pouco antes de eu dar à luz me deixou imensamente feliz.

Mesmo assim, eu estava torcendo muito por um menino.

Já estava no oitavo mês de gravidez e as duas mais velhas sentiam-se eufóricas e preocupadas, só que a opinião das duas era bem diversa da minha.

Tinham ciúmes do bebê que estava para vir, e desejavam ver nascer uma outra menina.

Fiquei sabendo disso ao ouvir, sem querer, um final de conversa entre as duas:

– Papai pensa que seria bom ter um menino em casa mas isto não é verdade, dizia Valéria.

– Eu detesto quando Marquinhos vem aqui.

– Ele fica o tempo todo rindo das nossas brincadeiras. E como gosta de arreliar!

– Outro dia ele chegou disfarçando e puxou os meus cabelos. Até chorei de raiva.

– É sim, continuou Elisabeth. Lembra aquele dia que ele me chamou de boba, só porque eu estava cobrindo a Andréia? Ele falou que boneca não sente frio e ficou rindo que nem um bobão.

– Não sabe brincar de faz-de-conta. Não vamos ter um irmão.

– Nosso bebê será uma menina muito linda e boazinha.

Consegui conter o riso e me afastei devagarinho antes delas notarem minha presença, para evitar constrangimentos. No dia seguinte, ao comentar este assunto com minha cunhada, nós duas rimos demais.

Marquinhos é meu sobrinho e realmente adorava atormentar as meninas.

Recordando, estas coisas me pareciam tão distantes!

Fazia muito tempo que eu já não prestava atenção nas meninas.

Pensando nisso senti uma pontinha de remorso, que sufoquei imediatamente, indo me fixar novamente em Vânia. Minha pequena e querida filhinha.

Era nela que eu precisava pensar sempre, até que um milagre acontecesse e ela voltasse para casa, linda e sadia.

Porque ela só tinha a mim para rezar por sua saúde.

Para amá-la tanto, que mesmo à distância ela pudesse sentir a força deste amor que iria fazê-la reagir e lutar por sua vida que na opinião dos médicos estava por um fio.

Por quê, meu Deus?

Sérgio jamais me deu ouvidos quando eu falei que a criança estava muito lenta em seu desenvolvimento.

Talvez se tivéssemos começado um tratamento logo após seu nascimento, a doença poderia ter sido estacionada e seria possível conseguir a cura. Os médicos me garantiam que não. Diziam que ela havia nascido com um grave e irreversível problema cardíaco e de forma alguma teria sobrevivido a uma operação. Nem conseguiam entender como ela pôde ter vivido normalmente sem maiores problemas, até completar dois anos.

De acordo com a gravidade da doença, era de se esperar que ela tivesse morrido logo nos primeiros meses de vida.

No entanto, a doença só começou a se manifestar seriamente a partir dos dois anos de idade. Agora, já estava há um ano em intenso sofrimento, magérrima e abatida, mas, vivendo ainda.

Apesar de sentir todo seu padecer, em minhas preces, jamais tive a coragem de pedir para que este sofrimento fosse suprimido pela morte.

Eu queria minha filha. Eu a amava e achava que se nasceu era porque tinha direito à vida. Infelizmente tudo o que eu podia fazer era rezar e sofrer com ela.

Claro que todos os familiares e amigos sentiam-se compadecidos, mas a dor era apenas minha e de Vânia. Eu tinha o direito de pensar desta maneira, porque nunca poderia esquecer o desapontamento de Sérgio ao vir nos visitar logo após o parto.

— É. Foi mesmo outra menina. Mas tudo bem. Ela é muito bonitinha.

— Parece com você, disse ele assim que chegou.

— Desculpe não ter conseguido lhe dar um varão, como era o seu desejo, respondi muito magoada. Mas acho que ele nem notou, porque continuou:

— Você operou mesmo, não foi?

— Operei, respondi irritada. Não tínhamos combinado que seria assim?

— Me perdoe por ser apenas uma mulher ao invés de uma máquina que poderia ser programada sem erros.

— Sua boba, falou Sérgio, corando muito ao notar finalmente o quanto tinha me magoado.

— Estou muito feliz. Amo vocês e o mais importante é que tudo correu muito bem e as duas estão em plena forma.

Dois dias depois eu estava tentando amamentar o bebê que parecia nunca sentir fome, quando meu marido chegou.

Ele ficou nos observando e ao perceber que meu empenho não estava dando nenhum resultado, disse, muito nervoso:

— Pare de forçar, Helena! Afinal este não é o nosso primeiro bebê e você sabe muito bem que se não aceita o alimento é porque não está precisando dele. O pediatra nos explicou isto muito claramente.

Olhei espantada para ele e nada respondi de tão ofendida que me senti, pelo seu modo brusco e nada gentil ao me dirigir a palavra.

Isto porque eu não via nenhum motivo para tanta exasperação.

— Vim para levá-las para casa, continuou ele meio sem jeito.

— Mas o Dr. Afonso aconselhou que fiquem por mais um ou dois dias. Tudo bem?

Apenas levantei os ombros, sem nenhuma vontade de responder.

Sérgio beijou a criança e a mim também, e em seguida foi embora.

Depois que ele saiu, eu chorei.

Nós só tivemos alta do hospital quatro dias depois. Dr. Afonso disse que era apenas para o bebê se fortalecer um pouco mais. Eu achei que ela continuava tão miúda como quando nasceu.

Enfim, quatro dias não poderiam mesmo fazer qualquer diferença.

Pelo caminho, Sérgio tentou mostrar-se alegre e descontraído, mas percebi que ele estava tristonho ou aborrecido, sei lá. Não resistindo à tentação, eu comentei:

— Sinto que tem algo te incomodando, você não parece muito satisfeito com a nova filha.

Me olhando enviesado ele respondeu: — Por favor, não diga isso!

— Estou com alguns problemas na firma, mas, logo tudo ficará bem.

Ele disse tudo de um modo tão vago! Não senti em sua voz nenhuma emoção ou culpa, que era o que eu esperava. Arrependi-me por ter falado daquela maneira.

Em compensação, em casa, encontrei um ambiente descontraído e festivo.

Minha sogra, algumas amigas e as meninas, nos receberam carinhosamente, com muita euforia e uma bonita mesa de doces e salgados. Em contraste, eu cheguei mal-humorada e não via a hora de poder me refugiar em meu quarto.

Elisabeth e Valéria queriam conversar. Estavam com saudade de mim e queriam segurar a irmãzinha. Eu estava irritada e acabei falando alto com elas.

Naturalmente, não aceitaram meu descontrole e ficaram amuadas num canto.

Isto acabou com a festa.

Mais tarde, já no meu quarto, recebi a visita de Valéria que veio me perguntar por que eu havia voltado para casa tão zangada.

Sentei para conversar com ela, mas o bebê choramingou em seu cestinho e levantei-me para atendê-lo. Pedi que esperasse um pouco, mas ela resolveu ir embora.

Não querendo permitir este tipo de comportamento que entendi como birra, não tomei a iniciativa de procurá-la. Acho que até foi melhor porque eu realmente não saberia o que dizer a ela.

Nesta noite eu não consegui dormir. O que deveria ser um dia festivo, acabou sendo um desastre. Culpa de quem? Não sei. Enfim, enfiei na cabeça que isto era sinal de mau agouro.

Nos dias que se seguiram nada ficou mais fácil. As duas meninas sempre tentavam se aproximar de Vânia e eu logo ia atrás. Parecia-me ter de proteger a pequena, nem eu mesma sei de quê.

Sem liberdade, Valéria e Elisabeth olhavam um pouquinho para o bebê e se afastavam humildemente.

– Tenham paciência, eu lhes dizia. Logo que ela crescer mais um pouco, mamãe deixa vocês brincarem com ela. Vânia é ainda muito delicada para que possam pegá-la.

Sérgio nunca pegava o bebê. Ia vê-la todos os dias ao chegar do trabalho.

Geralmente fazia uma leve carícia em seu rosto mimoso e se afastava em seguida.

Ele não sorria mais com a facilidade de antigamente. Quando não estava fazendo nada, colocava uma das meninas no colo e ficava silencioso e pensativo, fitando o nada.

Dia após dia eu assistia sem poder reagir, a felicidade se afastando de nossas vidas.

Lembrava-me com saudade de quando resolvemos nos casar. Foi então que compramos aquela casa, onde nos instalamos logo ao chegar da lua-de-mel.

De natureza extrovertida, em pouco tempo tínhamos amigos em toda a vizinhança.

Jovens, repletos de sonhos e energia, Elisabeth tinha apenas onze meses quando Valéria nasceu.

A gente tinha combinado ter um casal de filhos logo de início, para podermos ter tempo e curtir a vida junto com eles. A vinda de duas meninas não modificou nossos planos.

Coloquei um DIU, pois considerávamos a família completa e eu era ainda muito nova para ser operada.

A pequena diferença de idade entre as duas crianças não me causou nenhum transtorno, porque para cuidar de ambas, eu pude contar com a ajuda alegre e espontânea de vizinhas e suas crianças maiores que estavam sempre por perto, distraindo as duas.

Com Vânia foi tudo tão diferente! Raramente uma amiga me visitava e até mesmo as amiguinhas mais íntimas das meninas, já não iam lá em casa com frequência.

Acho que era porque eu estava sempre extremamente nervosa e não permitia nem mesmo que as irmãs brincassem sozinhas com a pequena.

O que me preocupava era o fato de vê-la sempre dormindo e se alimentando tão pouco. Um bebê muito calmo, que raramente chorava, mas também não sorria, sempre pálida e magrinha.

Quando comentei isto com Sérgio, ele apenas deu de ombros e disse:

— Você se preocupa por nada. Sono também alimenta. Além do mais, você precisa ter certeza do que quer. Com as maiores você ficava nervosa porque elas dormiam pouco, agora reclama porque a pequena dorme bastante. Está na hora de você decidir o que é melhor, "dormir ou não dormir", eis a questão.

Fiquei zangada por perceber que ele estava fingindo não entender e no dia seguinte fui falar com o médico, que me respondeu mais ou menos a mesma coisa.

Insisti e perguntei se não era melhor fazer uns exames rigorosos.

Ele achou isto desnecessário.

Depois que foi constatada a doença, manifestei o desejo de processar o médico, ao que Sérgio discordou prontamente.

— Você preza mais o Dr. Afonso do que a sua filha, disse eu indignada, quando ele se pôs a defender o médico.

— Não adianta discutir, porque você não iria entender, mas por favor, tente me ouvir e deixe o Dr. Afonso em paz.

Resolvi não insistir no assunto, mas esta conversa aumentou minha certeza de que meu marido realmente não se importava muito com a pequena Vânia, e fez com que eu voltasse a recordar uma série de outros acontecimentos que confirmavam esta opinião.

Quando Elisabeth ensaiou os primeiros passos, Sérgio muito eufórico insistiu em ensiná-la a andar. Colocava a menina em pé, segurando em algum móvel e depois a chamava de longe, tendo na mão algum brinquedo ou doce que pudesse seduzi-la a ir buscar.

Com Valéria ele agiu da mesma forma.

Vânia demorou muito a engatinhar. Com mais de um ano e meio não conseguia se levantar, ou melhor, nem tentava.

Um dia, ao chegar do trabalho, Sérgio viu que eu queria fazer a menina manter-se em pé segurando numa cadeira. Ela não firmava as perninhas e eu insistia delicadamente, animando-a com palavras de carinho.

Meu marido ficou irritadíssimo, chegando a me ofender ao dizer que eu não deveria exigir de uma criança mais do que ela fosse capaz de oferecer. Falou também que se a Vânia era diferente das irmãs, eu deveria aceitar isto sem problemas.

Dois meses depois a doença se manifestou com força total.

Naquele dia, enquanto o carro corria rumo ao sítio de meus pais, onde as meninas estavam em férias, todas estas coisas voltaram à minha mente.

Talvez fosse uma tentativa de eu provar a mim mesma que a indiferença com que vinha tratando o meu marido ultimamente, não era um ato de injustiça, embora, às vezes, seu olhar tristonho chegasse quase a me amolecer.

Mas eu não podia esquecer que ele tinha sua parcela de culpa em relação ao estado de saúde da menina, nem que fosse apenas por omissão.

Isso eu rememorava com os olhos fixos na estrada quando, de repente, numa curva fechada, vi aquele enorme caminhão vindo em cima da gente, pela contramão.

Fechei os olhos instintivamente e senti o impacto de uma batida, seguida do ranger dos pneus. Ouvi o barulho de vidros se estilhaçando e metais retorcidos; finalmente, senti o solavanco de uma freada brusca. Tudo isso se passou numa fração de segundos e eu nem cheguei a cair ou bater em alguma coisa.

Quando tudo serenou, fui abrindo lentamente os olhos e olhei à minha volta.



Sérgio estava imóvel, debruçado no volante. Com o coração aos pulos, chamei por ele e não obtive resposta. Chamei mais alto e nada.

Apesar dos vidros estarem todos quebrados e a frente do carro muito amassada, Sérgio não apresentava nenhum ferimento aparente e eu também não.

Rezei para que ele estivesse vivo.

Lentamente aproximei minhas mãos de seus lábios e para minha tranquilidade senti sua respiração.

Ele havia desmaiado. Eu precisava encontrar ajuda com urgência.

Poderia haver algum problema interno e neste caso ele precisava de socorro médico.

Se pelo menos o caminhão tivesse parado!

O que eu poderia fazer ali sozinha? Estava tudo tão deserto. De um lado, o rio; do outro, apenas a vegetação. Não se via nenhum outro veículo pelas imediações.

Olhei desnorteada ao meu redor e para minha surpresa enxerguei alguma coisa muito brilhante que se elevava no meio da vegetação, no lado esquerdo da estrada, não muito longe de onde eu estava.

— Parece uma lâmpada acesa, pensei animada. Como não havia nenhum sangramento em Sérgio, coloquei meu casaco nas costas dele, para mantê-lo aquecido, fechei o carro e fui tentar chegar onde brilhava aquela luz. Como o caminhão tinha nos empurrado até o acostamento, não havia maiores problemas em deixá-lo por alguns minutos.

Depois de fechar o carro fui olhar mais uma vez meu marido e ele continuava inconsciente.

Finalmente me decidi a atravessar a estrada. Ia um pouco temerosa por deixar Sérgio sozinho e por pensar que teria que me embrenhar na espessa vegetação.

Mas eu precisava tentar.

Qual não foi meu espanto ao chegar no outro lado e constatar que existia um caminho largo, que seguia exatamente na direção de onde se via a luz brilhar.

Depois de muito caminhar foi que notei que a tal luz não ficava tão próxima como eu havia pensado. De qualquer maneira, eu não iria desistir.

Finalmente cheguei perto o bastante para confirmar que o clarão era mesmo de uma lâmpada acesa, em frente a um casarão.

De onde eu estava podia ver nitidamente uma casa bem grande, toda pintada de azul, situada no alto de uma colina. Com as forças renovadas pela esperança, "apertei" o passo.

Logo depois, cheguei ao portão da bonita propriedade, que possuía um vasto e lindo jardim.

Bati palmas e enquanto aguardava que viessem atender, observei que a construção parecia bem antiga, mas estava perfeitamente conservada.

Fui atendida por uma senhora que se mostrou muito gentil e delicada, observando-me com simpatia, enquanto ouvia muito atentamente a minha narrativa.

Quando terminei de contar o que havia acontecido, depois de pensar por instantes, ela manifestou sua opinião:

— Você fez muito bem em vir buscar ajuda aqui. Tenho um filho que pode ir ajudar o seu marido. Enquanto isso, você pode entrar para descansar um pouco.

— Não posso, minha senhora, respondi rapidamente. Devo acompanhar o seu filho.

— Deixei meu marido inconsciente e não ficaria sossegada. Depois, se apesar dos estragos, o meu carro ainda estiver funcionando, com a ajuda do rapaz eu poderei levar o Sérgio ao

hospital mais próximo.

– Não se preocupe com nada, minha filha Existe um bom hospital bem próximo daqui, onde meu filho trabalha como enfermeiro.

– Mesmo que seu carro não funcione, temos nossa caminhonete, e meu filho é um ótimo motorista.

– Pode estar certa que ele sozinho dará conta do recado com pleno êxito.

– E, como você se chama?

– Desculpe, estou tão nervosa que nem lembrei de me apresentar.

– Meu nome é Helena de Castro, e moro em Pinheiros, perto do centro de São Paulo.

– Estávamos nos dirigindo ao sítio de meus pais, na cidade de Jacareí, quando ocorreu o acidente.

– Muito prazer, querida. O meu nome é Maria da Glória. Vou lhe apresentar o Emanuel.

– Ele é meu único filho e também um ótimo rapaz. Tenho certeza de que, ao conhecê-lo, terá plena confiança em deixá-lo ir cuidar do seu marido.

Por mais incrível que possa parecer, foi mesmo assim.

Fomos apresentados e imediatamente senti que poderia confiar totalmente nele.

Concordei em ficar, com a condição do Emanuel vir me buscar tão logo Sérgio fosse medicado.

Após ouvir as explicações da mãe, o rapaz nos pediu licença para ir prestar socorro ao meu marido.

Dona Maria mandou-me ficar à vontade e saiu da sala.

Minutos depois, regressou, trazendo chá e biscoitos. Eu não sentia fome, mas aceitei de bom grado uma xícara de chá. A bebida me reanimou, e ao mesmo tempo me relaxou.

Assim, de repente, como por encanto, senti-me invadir por uma gostosa sensação de paz e tranquilidade, há muito tempo esquecida.

Como se conseguisse ler o meu pensamento, a boa senhora falou:

– Agora que você está mais sossegada, deveria tentar dormir um pouco. Eu prometo que lhe chamo assim que Emanuel estiver de volta, está bem?

Meu corpo ansiava por um pouco de descanso, e por isso resolvi aceitar a sugestão.

Dona Maria me acompanhou até um corredor comprido, onde havia várias portas.

Eram tantas, que eu resolvi perguntar se ela morava naquela casa somente com o filho.

– Isto mesmo, ela respondeu. Desde que perdi meu marido, somos apenas nós dois.

– Mas esta casa é tão grande! exclamei admirada.

– Patrimônio de família, que resolvemos conservar. Mas é muito útil também.

– Sempre recebemos muitos amigos e podemos alojar a todos. Mas no momento isto não vem ao caso. Agora é preciso que você tente descansar. Nestes três primeiros quartos à sua direita, há camas vazias. Ah!... Esqueci de lhe avisar que no momento não disponho de um aposento só para você.

Mas fique tranquila, pois lhe dou minha palavra de que todos os nossos hóspedes são ótimas criaturas. Não irá se importar em descansar num quarto junto com outra moça, não é?

– Não! Claro que não! Apenas não gostaria de incomodar.

– Por isso, não se preocupe. Elas vêm sempre aqui e já conhecem bem as normas da casa.

– Não é preciso que sejam apresentadas. Isto acontece espontaneamente em qualquer dos

quartos que você entrar. Avise com uma leve batida e vá entrando. Conservamos as portas sempre destrancadas.

Escolhi o primeiro dos três quartos que foram indicados e me preparava para entrar, quando ouvi batidas na porta de entrada.

Resolvi esperar, pensando que talvez fosse o Emanuel de volta, já que disseram que o hospital ficava por perto.

A voz que ouvi não era do rapaz e eu me dirigia de novo ao quarto, quando Dona Maria me chamou. Fui ao seu encontro e ela então me explicou que alguém tinha vindo trazer um recado de Emanuel.

— O Sérgio está muito mal? perguntei alarmada.

— Ele está muito bem. Deverá passar a noite internado apenas em observação.

— Meu filho pediu para lhe avisar que ele tomou a iniciativa de mandar consertar o seu carro, numa oficina que ele confia. Enquanto espera que fique pronto, ele aproveita e faz companhia ao seu marido.

— Disse que não devemos nos preocupar, pois, no máximo, amanhã à tarde os dois estarão de volta com toda certeza. Eu pessoalmente acho que neste caso, o melhor que temos a fazer é aproveitar uma boa noite de sono, concluiu minha anfitriã.

Eu concordei, porque naquela hora eu não poderia fazer mais nada a não ser esperar pelo dia seguinte.

Desta vez Dona Maria me acompanhou até o corredor e entrou num quarto bem em frente ao que eu escolhi para passar a noite.

Bati levemente e abri a porta com cuidado, meio sem jeito. Porém, logo me senti à vontade, ao receber de imediato um alegre e jovial: — Seja bem-vinda.

Olhei em direção à saudação e vi recostada numa das camas uma jovem loura e lindíssima sorrindo amigavelmente.

— Olá! disse eu. Desculpe-me por vir perturbar o seu repouso.

— Que isso, minha amiga! Aqui não tem nada disso não. Pelo que vejo, é a primeira vez que você aparece por aqui.

— É sim. E você?

— Acho que é a centésima ou mais.

— Não diga! Como é o seu nome?

— Nora e o seu?

— Me chamo Helena. Agora que já nos conhecemos, será que você poderia me dar umas informações sobre este lugar? Achei deselegante ficar interrogando a dona da casa, que me recebeu com muita amabilidade.

— Desde que eu saiba, terei muito prazer em esclarecer suas dúvidas.

— Me diga o que quer saber.

— Antes, devo lhe explicar por que estou aqui.

— Um caminhão bateu em meu carro, deixando meu marido inconsciente. Saí em busca de socorro e encontrei esta casa graças ao clarão de uma lâmpada visível no local do acidente.

— Ao chegar aqui, fui acolhida com toda boa-vontade. No mesmo instante, a dona da casa se prontificou em mandar o filho ajudar meu marido, e me convidou para ficar e descansar.

— Em princípio, eu queria ir com o rapaz mas acabei concordando em esperar aqui.

— Agora estou um pouco confusa.

- Por quê?
- Porque Dona Maria me disse que mora apenas com seu filho.
- Contou-me que recebe sempre muitas visitas, e falou sobre normas da casa.
- Você está dizendo que vem muitas vezes para cá. Isto por acaso quer dizer que este lugar é algum tipo de instituição ou talvez uma colônia de férias? De um jeito ou de outro, como é que pode funcionar apenas com duas pessoas?
- Infelizmente eu não tenho uma resposta concreta para sua pergunta.
- Tudo o que sei, com certeza, é que cada pessoa que encontrei por aqui, veio a esta casa em busca de ajuda. Alguns chegaram do mesmo modo que você, seguindo o clarão da lâmpada que Dona Maria tem o cuidado de manter sempre acesa. Outros foram trazidos por alguém que já conhece o lugar ou pelo próprio Emanuel que jamais nega ajuda a quem precisa.
- Então você não é amiga da família?
- Todos somos. Aqui, como lhe explicou a própria dona da casa, tem sempre muita gente, e ninguém recebe atenção especial. Todos sentem-se à vontade e têm o mesmo tipo de relacionamento com os proprietários. Dona Maria é gentilíssima e responde o que você perguntar, mas não creio que se interesse pelos problemas pessoais de cada um de nós em particular. Ela tem sempre um sorriso nos lábios e faz questão de servir pessoalmente a todos o seu delicioso chá, não sei de quê.
- Sabe que é este incrível chazinho que me incentiva a visitar constantemente este lugar?
- Incrível mesmo. Eu me senti renovar após ingerir um bom gole do tal chá.
- Será que tem algum remédio misturado a ele?
- Pode ser, Helena. O Emanuel é enfermeiro e, portanto, isto é bem possível, e não seria motivo para preocupação.
- Certo. Diga-me, onde você mora? Já que vem frequentemente aqui, devo imaginar que você reside pelas imediações.
- Não mesmo. Esta propriedade fica praticamente isolada neste lugar.
- Praticamente?
- É. Seria totalmente isolada, se não existisse aquele pessoal excêntrico que vive num vale, bem lá embaixo, atrás da colina.
- Por que diz que são excêntricos?
- Nem queira saber, menina! São pessoas muito inteligentes, que parecem entender de tudo.
- Gostam muito de conversar e encontram sempre uma solução para qualquer problema que alguém lhes apresente. E tem mais: andam completamente nus, sem o menor acanhamento.
- O mais interessante é que isto, em se tratando deles, não causa nenhum embaraço a nós, quando, normalmente, deveria nos chocar, não acha?
- Um campo de nudismo, comentei espantada. Não sabia que existia um no Vale do Paraíba.
- Não é um campo de nudismo, continuou Nora.
- As pessoas não estão lá para um agradável fim de semana. Eles vivem naquele lugar.
- Como tem certeza? Ah!... Já sei. Evidentemente, você costuma visitá-los.



- Eu não. Ninguém vai lá fazer turismo. Isto não é permitido.
- Por quê? Você acabou de me dizer que eles gostam de conversar.
- Se eles não recebem visitas, como você conseguiu saber o que me contou?
- Geralmente eles ficam à margem do "Riacho Encantado", e quando alguém, no lado oposto, faz o mesmo, inicia-se a conversação. São eles próprios que tomam a iniciativa em começar a troca de ideias. Comigo é sempre assim.
- Não diga! E o que é "Riacho Encantado"?
- O que diz o nome: um riacho.
- Também é a demarcação do limite entre as duas propriedades.
- Esta onde estamos e aquela da qual lhe falo.
- A água deste riacho contém poderes mágicos que purificam as pessoas. Por isso, ele é chamado de "Riacho Encantado". Segundo ouvi dizer, a água se divide em três partes distintas, cada qual possuindo uma função específica, que, ao se juntarem, conseguem modificar completamente o destino de quem decidir entrar no riacho.
- É mesmo? perguntei apreensiva
- Tudo bem, amiga, você deve estar muito cansada.
- Vamos dormir e amanhã voltamos ao assunto.
- Vejo que consegui assustá-la. Neste momento, você deve estar imaginando que eu não sou normal, não é Helena?

Antes de eu ter tempo para responder alguma coisa, a porta se abriu e Dona Maria entrou puxando uma mesa com rodinhas que estava repleta de xícaras, além de dois grandes bules, de cujos bicos escapava um tênue vapor.

- Quando a vi entrando naquele quarto, pensei que tivesse ido dormir, Dona Maria, comentei ao vê-la.
- Fui apenas mudar de roupa enquanto esperava a água ferver para preparar o chá.
- Nunca me recolho antes de ter certeza que todos estão bem acomodados, respondeu-me a gentil senhora. Um chá quentinho é sem dúvida a melhor garantia para uma noite de sono tranquilo e descontraído.

Enquanto falava, a dona da casa depositava uma xícara cheia do líquido fumegante em cada um dos criados-mudos, ao lado das camas.

Àquela hora, apesar de me sentir estranhamente descontraída, eu não pensava em dormir. A pequena Vânia, como sempre, ocupava meus pensamentos, ainda que de modo bem menos doloroso do que antes de eu ter chegado àquela casa. O que estaria acontecendo ao Sérgio?

Estava também pesarosa por imaginar quanta preocupação estávamos causando aos meus pais e às meninas, ao não chegarmos ao sítio no horário previsto. Infelizmente, Dona Maria havia me informado que não tinha telefone e naquela hora da noite, eu realmente, não poderia mesmo fazer mais nada a não ser esperar.

Quando olhei para a cama de Nora, ela já dormia tranquilamente.

Sentei na minha cama e saboreei meu chá sem nenhuma pressa.

Eu nem percebi quando o sono me envolveu profunda e suavemente, completamente livre dos constantes sobressaltos e pesadelos medonhos que costumavam invadi-lo sem licença prévia de uns tempos para cá.

Em consequência, acordei na manhã seguinte descansada e bem-disposta.

Nora, minha companheira de quarto, já tinha se levantado havia algum tempo, pois sua cama estava arrumada.

Deve ser tarde, pensava, enquanto tratava de abrir a janela.

Depois de me habituar à luminosa claridade e olhar para fora, o quadro com o qual me deparei me deixou deslumbrada. O jardim, agora à luz do sol, era muito mais bonito do que eu poderia imaginar. Uma profusão de flores em todos os feitios, tamanhos e cores, com uma leve dominância do amarelo.

Um esplêndido coral de pássaros chilreava, suavemente, uma doce melodia em meio a uma pequena multidão.

Eram homens e mulheres de tipos diversos, misturando brancos, negros, amarelos etc, que transitavam calmamente, numa incrível harmonia visual e sensitiva.

Eu, certamente, ficaria horas a observar aquele magnífico quadro que bem poderia ser a obra suprema de um gênio desconhecido, se Nora não houvesse chegado para me chamar para o desjejum.

– Desculpe-me, falei embaraçada. Dormi demais e ainda por cima achei de ficar meio paralisada nesta janela e observar este impressionante jardim.

– Não deve se desculpar, Helena. Acordei ainda há pouco.

– Foi só mesmo o tempo de tomar um banho. Além disso, posso entender perfeitamente este seu espanto.

– Também senti o mesmo na primeira manhã que acordei aqui. Mesmo agora que já me acostumei, às vezes me perco do mundo ao olhar lá fora. Este parece o jardim do Éden, não é?

– Exatamente! Você usou a única palavra capaz de definir o que se vê por esta janela.

– Mas agora é acordar de vez e cuidar da vida. Será que chegou alguma notícia do meu marido?

– Acredito que não. Qualquer recado que chegue nos é transmitido de imediato.

– Tudo bem. Afinal, o prazo para que eles cheguem de volta é o final do dia e este mal começou.

– Você vai esperar eu me aprontar?

– Se estiver com fome, não é preciso. Eu descubro o caminho e te encontro depois.

– Que nada, Helena. Quando fico por aqui o que menos sinto é fome.

– Mas de qualquer forma precisamos prestigiar nossa anfitriã.

– Vá logo se cuidar que eu faço a cama para você.

A mesa, lembrei-me da conversa que tive com Nora na noite anterior e a título de brincadeira, resolvi comentar com Dona Maria, que nos fazia companhia nesta primeira refeição.

– Esta minha nova amiga é engraçada, disse. Imagine que ela me contou uma piada sobre a existência de um riacho que é encantado e cujas águas possuem vida com poderes mágicos e tudo. Pode?

Nora me olhou mas não sorriu, como eu esperava que acontecesse. Eu realmente acreditava que ela estivesse querendo brincar comigo quando inventou aquela história.

– Talvez isso não seja brincadeira, minha filha, respondeu a dona da casa.

— Tem realmente um riacho separando esta propriedade de uma outra, que é habitada por pessoas consideradas exóticas, porque vivem de modo bem diferente do que estamos acostumados, e muita gente acredita que o riacho que nos separa deles seja encantado ou mágico, como queira.

— É verdade, então? falei interessada. Gostaria de saber mais sobre isto.

Então Dona Maria me contou que por detrás de sua propriedade, morro abaixo, vivia, numa grande planície, este povo que era bem diferente do convencional. Eles jamais saíam do limite entre os dois terrenos. Não que fossem arredios. Pelo contrário, estavam sempre margeando o tal riacho, prontos a conversar com quem se aproximasse da margem oposta. Disse que parecia ser o passatempo favorito de todos eles, o ato de esclarecer dúvidas e explicar coisas a quem precisasse ou quisesse ouvi-los. Confirmou também o fato dessas pessoas andarem todas nuas e falou que suas opiniões demonstravam que o povo em questão possuía uma sabedoria invulgar sobre todos os assuntos.

— Será que não foi um grupo de cientistas que resolveu fundar uma comunidade para estudos? perguntei, sentindo-me brilhante por desvendar o mistério.

— Sempre ouvi dizer que os cientistas costumam ser esquisitos.

— Bem que poderia ser isto. Mas receio que existam certos fatos a desmentir esta sua ideia, falou Dona Maria.

— Por favor, conte-me tudo, falei um pouco decepcionada por ver minha teoria ser rejeitada tão depressa. Estou morrendo de curiosidade.

— Então ouça com atenção: em primeiro lugar aquela comunidade é composta por homens, mulheres e crianças, o que já enfraqueceria o seu parecer.

— Mas existem muitos outros detalhes interessantes, como, por exemplo, o fato de eles receberem qualquer pessoa em seu meio, bastando, para isso, que o interessado concorde em se livrar de todos os seus pertences, incluindo a roupa e sapatos que estiver usando, antes de se aventurar na travessia do riacho.

Neste momento, resolvi interromper e falar:

— Alguma coisa está errada nesta história, Dona Maria. Primeiro, a Nora me disse que nunca foi visitá-los porque eles não permitem.

Agora a senhora vem me dizer que para visitá-los a pessoa terá que ir completamente despida.

— Juro que não entendi.

— Calma, minha filha! Agora você vai entender. Ninguém precisa se despir para visitá-los, porque eles realmente não recebem visitas.

— Mas quem quiser atravessar para o lado deles, deverá aceitar se tornar um membro do grupo e nunca mais poderá regressar.

— Mas então, certamente que ninguém em seu juízo perfeito irá querer atravessar o tal riacho.

— Porque se o fizer, estará se entregando como prisioneiro desta estranha comunidade, que ao que tudo indica criou uma nova seita. Isto está me parecendo um negócio muito lucrativo para estrangeiros em busca de fortuna, à custa de fanatismo religioso.

— Não concordo com você, Helena. Se fosse uma seita visando a lucro, por que iriam exigir que o indivíduo se livre de seus pertences antes de ir para lá?

— E quem fica com os objetos renegados?

– Depois de se despojar, a pessoa junta tudo e joga no próprio riacho.

– Então, Dona Maria! Isto pode ser muito bem um engodo.

Eles podem ter feito uma barragem com rede longe daqui, onde alguém fique à espera, para recolher o que for de valor!

– Esta é uma boa possibilidade. Mas não podemos garantir que seja real.

– Afinal, eles não saem por aí aliciando pessoas e também não fazem nenhuma restrição para poder aceitá-las. Qualquer um poderá ir viver entre eles, bastando para isso obedecer a única regra que manda atravessar o riacho livre de todo e qualquer bem material que possuir. Qualquer bem, entendeu? E não apenas coisas valiosas, tipo jóias ou dinheiro.

– Eu sei. Mas nada impede que isto seja uma jogada. Se não há nada errado, por que não permitem visitas? O simples fato de manterem as pessoas detidas em sua propriedade, me parece motivo suficiente para uma averiguação no que se passa por lá.

– Nunca, ninguém avisou as autoridades sobre isto?

– Não, Helena. Eles não prejudicam ninguém, e ninguém mexe com eles.

– O que você não entendeu direito, é que as pessoas não ficam detidas.

– Quando alguém decide ir para eles, sabe perfeitamente que não poderá mais voltar, porque esta é a lei. Portanto, somente estando completamente seguro do que vai fazer, é que o indivíduo tem coragem suficiente para atravessar o riacho.

– Me diga uma coisa Dona Maria: se a pessoa fizer todo o ritual necessário para ser aceito e depois caminhar até o fim da ponte e então se arrepender e voltar como poderá recuperar as coisas que jogou no riacho?

– Isto não pode acontecer, porque não existe uma ponte. A travessia do riacho é feita pela água. Dizem que é para purificar, livrar o corpo de toda impureza.

– Quanto a chegar na outra margem e se arrepender, isto nunca aconteceu.

– Mas eu acredito que se a pessoa conseguir voltar, antes de pisar na terra deles, ninguém tentará impedir.

– Por que a senhora acha que a pessoa poderá não conseguir voltar?

– Pelo motivo que nos fez iniciar esta conversa.

– O fato de o riacho ser encantado ou mágico.

– Mas afinal, o que ocorre de extraordinário neste tal riacho para que o considerem mágico?

– As águas contidas nele possuem três variações na temperatura ao mesmo tempo, dependendo apenas da distância entre as margens.

– Como assim?

– As águas que ficam deste lado possuem temperatura normal; bem no centro do riacho chegam quase a congelar e na margem oposta, no lado de lá, as águas apresentam temperatura acima do normal, isto é, são mornas.

– Isto é espantoso! Exclamei. Mas não vejo de que maneira poderia influir na decisão de alguém, sobre ir e depois voltar, caso fosse esse o seu desejo.

– Mas claro que influi, Helena, disse Dona Maria. Alguém resolve entrar no riacho, com a água na temperatura ambiente, segue em frente.

– Ao perceber que começa a esfriar, a tendência é instintivamente caminhar mais depressa para fugir do desconforto que gradualmente irá aumentar até o indivíduo quase desmaiar



devido à friagem. Então, a pessoa pensará em regressar, mas, como por encanto, o frio intenso é substituído por uma sensação morna e agradável.

– É lógico que a pessoa não tentará voltar e enfrentar o sofrimento que ficou para trás, levando-se em conta o fato de que quem decide ir para aquela comunidade é porque não vê nada de atraente onde vivia até então.

– São suicidas, isto sim! falei categoricamente. Tendo consciência de tudo isso que acabou de me contar, só estando muito desesperado, alguém pode querer atravessar esse riacho, com a intenção de ir viver entre pessoas estranhas, e que além do mais, são realmente estranhas.

– Só mais uma coisa, minha filha: o que acabei de lhe contar nunca foi confirmado por alguém que tenha atravessado o riacho.

– A gente deduz estas coisas apenas observando quem se vai.

– O modo como se comportam durante a travessia.

– Como eles se comportam?

– Ao adentrar o riacho que tem aproximadamente 1,20 metro de profundidade e mede uns 15 metros de uma margem à outra, o indivíduo recebe orientação dos moradores daquela comunidade, para que ande durante todo o percurso, ainda que saiba nadar.

– A pessoa entra muito rapidamente na água e passa a caminhar de modo natural durante os primeiros 5 metros, quando vamos notar que ela é acometida por uma estranha agitação.

– Percebe-se um grande esforço e uma tentativa frustrada de correr. Tem pessoa que emite um som abafado como se lhe faltasse o ar. Tem gente que olha desesperada para trás, como que pedindo ajuda para voltar. A maioria começa a tremer muito.

– Mas este quadro triste dura pouco tempo. Logo a pessoa se deixa afundar totalmente no riacho como se estivesse desfalecendo e, ao emergir, pode se garantir, pelo andar firme e seguro, que o obstáculo doloroso foi definitivamente derrotado.

– E agora que já lhe contei tudo que sei, você não vai perder essa linda manhã sentada aqui dentro, vai?

– Desculpe. Esta minha curiosidade ainda acaba me prejudicando.

– Nora, vamos sair e aproveitar este lindo dia?

A mocinha levantou-se e me seguiu em silêncio. Saímos para o jardim onde, além de toda beleza que já descrevi, sentia-se no ar o perfume mais leve, suave e gostoso do mundo.

Por mais incrível que possa parecer, eu me sentia muito bem naquele lugar.

Não tinha esquecido o sofrimento de minha pobre filhinha e preocupava-me o estado de saúde do Sérgio, de quem eu não tinha notícias desde a noite anterior. Porém, estas coisas não conseguiam me desesperar, como antes de eu chegar naquele lugar.

Não é dizer que eu sentisse alegria, isto não. Mas aceitava a tristeza de um modo natural, sem revolta, e isto me fazia um grande bem.

Eu estava tranquila, quase feliz.

Caminhávamos devagar, eu e Nora, por entre as flores.

Estava tão absorta em meus devaneios que só muito tempo depois que saímos da casa notei a mudança no comportamento tão alegre e falante de Nora. Ela continuava ao meu lado, andando silenciosamente, de fisionomia indiferente e pensativa.

– Desculpe-me, Nora, falei ao notar seu ar desconsolado. Estava analisando meus próprios sentimentos e, sem querer, me ausentei deste mundo. Como é, vamos conversar mais?

– Isto é com você, Helena. Já que não confia em mim, não acredita no que eu digo, será que vale a pena a gente conversar?

– Por que está dizendo estas coisas?

– Você não foi confirmar com Dona Maria o que eu lhe falei sobre o riacho?

– Ah!... É isso. Desculpe-me de novo, Nora. Mas você deve entender que esta história é muito fantástica.

– Acha que alguém pode duvidar de Dona Maria?

– Não!

– Pois é. Mesmo assim, eu gostaria de ver com meus próprios olhos esse pessoal que anda nu a resolver qualquer problema gratuitamente às margens de um riacho encantado.

– Concorda que isto não é nada comum?

– Tem toda razão, Helena. Eu já os vi de perto e nem sei com certeza se são pessoas reais ou mera alucinação.

– Então é verdade que você conhece esta gente e esteve perto do tal riacho?

– É claro! E na primeira vez em que fui até lá, estive tentada a atravessar para o outro lado deles.

– É mesmo? E por que uma jovem como você iria deixar a família e os amigos para ir viver no meio de desconhecidos tão excêntricos? perguntei, tendo em mente uma palavra que Nora havia pronunciado pouco antes: "Alucinação".

– Bem, respondeu ela. Para que possa entender é preciso que eu lhe ponha a par de alguns detalhes da minha vida. Está disposta a me escutar?

– Sou toda ouvidos, respondi, enquanto observava o comportamento das outras pessoas que passeavam à nossa volta, pelo imenso jardim. A expressão de todas elas em geral era de pura e genuína tranquilidade.

Isto não me pareceu muito normal, mas me desliguei deste detalhe, pronta a ouvir o que Nora iria me contar.

Enquanto nos dirigíamos a um banco com a intenção de conversarmos confortavelmente instaladas, Dona Maria surgiu em uma das janelas da casa e acenou, nos chamando, ou melhor, ela estava chamando a Nora. Foi o que pudemos entender por meio de mímicas, porque de onde estávamos não poderíamos ouvi-la.

– Parece que Dona Maria quer me falar alguma coisa.

– Bobagem você me acompanhar, Helena.

– Espere sentada aqui que eu já volto, Ok?

– Tudo bem.

Nora se afastou indo em direção à casa e eu me entreguei à observação do local e das pessoas.

Todos transitavam, com tamanha leveza, que pareciam estar flutuando.

Tudo ali era diferente!

O próprio ar que respirávamos era imaculado, no sentido exato da palavra.

Dava para sentir sua pureza através do aroma das flores; quero dizer que sentia-se um suave e delicado perfume e ao mesmo tempo, respirava-se um ar tão leve, que parecia ter sido coado no mais fino dos filtros, porventura existente.

Além do mais, a meiguice de uma brisa que apenas roçava a pele da gente, proporcionava uma sensação de bem-estar tão completo, que ao me entregar ao ambiente, pensei estar

realmente solta no espaço. Só não alcei voo até o infinito porque uma senhora veio sentar-se ao meu lado e me dirigiu a palavra:

– Bom dia, companheira, falou alegremente. Está tudo bem? Você parece tão distraída!

– Olá! Sim, senhora, está tudo bem demais, e é isto que me espanta, respondi, regressando à terra.

– Ora essa! disse a simpática criatura. É a primeira vez que ouço alguém reclamar por sentir-se muito bem.

– Bem, eu tenho uma filhinha que se encontra gravemente enferma, eu e meu marido fomos vítimas de um acidente e ele, neste momento, encontra-se internado em um hospital por causa disso.

– Desde ontem à noite não tenho notícia sobre nenhum dos dois.

– Mesmo tendo plena consciência disso tudo e amando imensamente aos dois, estou me sentindo muito bem. O que a senhora me diz disso, é normal?

– Hum... Não sei. Mas sei que não é importante. Veja eu, por exemplo.

– Sofro de um grave e incurável tipo de câncer. Desde que me trouxeram para ficar nesta casa, eu me sinto tão bem, como jamais havia me sentido em toda minha vida.

– O que eu faço? Vou mais é tratar de aproveitar este estado de graça, sem perder tempo em questionar se isto é ou não normal. E se me permite um conselho, faça como eu amiga. "curta" e não se impressione por não conseguir ficar infeliz.

Tão de repente como chegou, a senhora se afastou, antes que eu pudesse retrucar.

Fiquei com os lábios entreabertos para uma resposta, e suas últimas palavras dançando em minha cabeça, me fizeram sorrir. Era exatamente isto que estava me acontecendo.

Eu não conseguia sofrer.

Será que era este fenômeno que ocorria com todos os hóspedes naquela casa?

Pelo aspecto tranquilo e aéreo de todos, eu poderia jurar que sim.

Olhei em direção à casa, esperando ver Nora de volta, mas o que avistei em meio ao caminho foi o olhar infantil de um rapaz que me sorria amigavelmente.

Novamente eu me admirei pela limpidez naquele semblante, que sugeria um mundo pleno de paz e harmonia. Cada vez mais eu me sentia intrigada com aquele lugar.

O mais interessante é que os outros, que ali estavam, pareciam perfeitamente integrados naquele recanto. Era como se eu estivesse assistindo a um filme, estando no lado de dentro da tela!

Eu me sentia isolada e, como Nora ainda não estava de volta, acenei para o rapaz que me olhava, e ele se aproximou.

– Oi. Meu nome é Helena. Sou nova por aqui.

– Muito prazer, Jair, à sua inteira disposição.

– O prazer é meu. Você é parente da família ou um visitante como eu?

– Visitante.

– Está gostando do lugar?

– Muito. Impossível não gostar.

– Faz tempo que está nesta casa?

– Bastante tempo. Mas não sei quanto. Depois da primeira semana, não me preocupei mais com o calendário.

– Entendo. Você não gostaria de sentar-se um pouco para conversar?

- Cheguei ontem à noite e não conheço ninguém por aqui, a não ser minha colega de quarto.
- Aceito. Vai ser bom conhecer mais alguém antes de ir embora. Devo ir hoje à tarde.
- Bateu a saudade da família?
- Não vou mais voltar para casa.
- Depois de experimentar a sensação de plena tranquilidade que reina neste lugar, eu, que era uma pessoa atormentada, não me atreveria a regressar ao antigo modo de vida.
- Mas você é tão jovem ainda!
- Só na aparência. Lá fora, eu me sinto com mais de cem anos.
- O que veio fazer neste lugar?
- Não sei. Foi sem querer. Precisava ir para casa e estava sem dinheiro.
- O jeito era pedir carona e foi o que fiz. O primeiro que parou foi o Emanuel.
- Concordou em me trazer até a estrada onde eu tentaria arranjar outra pessoa que pudesse me levar ao Rio de Janeiro, onde eu moro. Mas quando chegamos, ele perguntou se eu aceitava um lanche antes de seguir viagem. Aceitei. Depois do lanche, Dona Maria disse que, se eu quisesse, poderia pernoitar.
- Eu estava muito cansado e achei ótima a sugestão.
- No dia seguinte acordei me sentindo um novo homem e só então me lembrei que estava havia mais de doze horas sem um trago. Eu era alcoólatra.
- Disseram-me que eu poderia ficar por quanto tempo desejasse. Os dias foram se passando e agora tenho certeza de que jamais voltarei para casa, principalmente depois de duas tentativas frustradas.
- Como assim?
- Durante a primeira semana, eu tentei por duas vezes voltar para casa.
- Logo depois de passar o portão, um grande desconforto se apoderou de mim e se eu não voltasse imediatamente, tenho certeza de que enlouqueceria.
- Que coisa mais estranha! A que você atribui este fato?
- Não sei...
- Depois que estou aqui, muita gente chegou e outro tanto foi embora, mas para mim só há uma saída: atravessar o riacho encantado e ir viver para sempre naquela estranha comunidade.
- É para lá que você pretende ir hoje à tarde? Desculpe se pareço intrometida, mas acho que você não deve se precipitar.
- Não é precipitação. Já pensei muito.
- Antes, eu já nem ligava muito para os meus fantasmas e minhas dores.
- Agora, tendo me habituado a este estado de graça, onde traumas e dores inexistem.
- Tenho certeza de que a volta para aquela vida antiga me seria fatal.
- Por que não fica mais tempo aqui neste lugar, até que se sinta bastante forte para ir pra casa? Afinal, você mesmo disse que lhe convidaram por tempo indeterminado...
- É que esta tranquilidade e o bem-estar inesgotável começam a incomodar.
- Não se tem objetivo e nada para programar o amanhã.

No começo é muito repousante, mas agora, me sinto como um Zumbi: nem vivo, nem morto.



– É uma sensação desagradável e insatisfatória, por isso, estou decidido a ir morar com aquele pessoal no outro lado da colina.

– Lá existe um objetivo que é transmitir nossa experiência a quem dela precisar e espero conseguir sentir novamente alguma coisa, como, por exemplo, tristeza e arrependimento por ter desperdiçado minha antiga vida.

Jair parou de falar. Seu olhar era puro e limpo como de um bebê.

Não estava aborrecido e nem cansado, conservava o aspecto comum a todos que ali se encontravam: simples alienação.

– Será que estou ficando assim? pensei sem nenhum sentimento, a não ser uma franca curiosidade. Resolvi prolongar a conversa.

– Me conte como veio parar tão longe de sua casa e sem meios para voltar.

– Estava passeando junto com meu tio. Saímos do Rio numa sexta-feira à noite, com intenção de pescar. Ele tem uma Kombi e nela colocamos uma barraca, alguns mantimentos e bebidas.

– Durante uns quinze dias rodamos por aí, acampando em diversos lugares, sempre próximos a algum rio. Naquele dia avistamos uma ponte, onde tinha muitos pescadores.

– Ali não havia um local apropriado para acampar, mas ao ver tanta gente pescando, meu tio resolveu estacionar por perto, num atalho, e descemos para tentar a sorte.

– Como não estava sóbrio, eu não consegui ficar parado em pé.

– Depois, não sei bem o que aconteceu. Parece que eu cochilei ali mesmo, sentado, e quando dei por mim não encontrei o meu tio. Fui até o atalho e o carro não estava mais lá.

– Foi aí que apareceu a caminhonete do Emanuel e eu lhe pedi uma carona. O resto você já sabe.

– Muito interessante, pensei alto. Ele apareceu no local certo e na hora exata, tal qual aquela lâmpada acesa.

– O que você disse? perguntou-me Jair.

– Nada de importante. Você disse que saíram rodando sem destino, apenas para pescar.

– Estavam em férias?

– Não. Meu tio é aposentado e eu sou um desempregado.

– Puxa, que chato! Você é casado, não é? (notei a aliança).

– É, eu sou casado e estou desempregado há mais de um ano, desde que nasceu meu filho menor. Este é um dos motivos que me levou a decidir ir morar no outro lado da colina.

– Estar desempregado?

– Isto mesmo. Eu soube que lá não há desemprego.

– Cada indivíduo faz o que sabe e o trabalho é por puro prazer. Nada de salários.

– Ouvi dizer que naquela comunidade as pessoas são todas iguais realmente, e ninguém tem mais do que precisa, mas todos têm.

– Quem lhe contou estas coisas?

– Um rapaz que costuma conversar comigo sempre que me aproximo do riacho.

– Ele vive lá.

– Não quero ser desmancha prazer e nem jogar água fria no seu entusiasmo, mas acho que alguma coisa está errada.

– Por quê?

- Pense bem. Se todos que vão para lá é para ficar, a comunidade tem de ser numerosa.
- Agora, você me diz que os componentes do grupo trabalham por mero prazer, e são todos iguais, no sentido exato da palavra. Neste caso, se ninguém ganha dinheiro, do que eles se sustentam?

Mesmo vivendo modestamente, todos têm pelo menos de se alimentar.

- Por acaso, perguntou isso a seu amigo?
- Perguntei. Ele me respondeu que para o sustento da comunidade eles contam com os frutos do trabalho de todos e que estes frutos não têm de ser necessariamente dinheiro.
- Esta eu não entendi. Afinal, o lugar é apenas atrás da colina e não em outro planeta.
- Como podem sobreviver sem dinheiro?
- Eu também não entendi. Ele me disse que quando eu me sentir apto a ir morar entre eles, não preciso me preocupar com nada, porque o entendimento vem depois.
- E sabe o que mais, Helena? Eu vou mesmo.
- E eu acho, cada vez mais, mistério em tudo que vejo e ouço. Por favor, me prometa que vai pensar melhor sobre esta sua decisão, afinal, você é tão jovem ainda!
- Se voltar para sua casa, tenho certeza de que seu filho e sua esposa lhe emprestarão forças para resistir à bebida e reiniciar sua vida.
- É nisto que eu gostaria de ver você acreditar.
- Tenho dois filhos, o mais velho com cinco anos, mas isto já não tem importância.
- Nunca fui capaz de cuidar da minha família. Meus pais sustentam minha casa.
- O que posso dizer para me justificar é apenas que casei muito jovem, ao completar dezoito anos, porque engravidei minha mulher, que tinha somente dezesseis.
- Nesta época, meu grande sonho era vir a ser um grande jornalista. Tive que interromper meus estudos para casar. Não consegui um bom emprego, além de me sentir preso, podado nos pequenos prazeres que fazem a juventude valer a pena.
- Irritado, comecei a beber como um ato de protesto e um dia percebi que não conseguia mais parar, ainda que quisesse. Hoje, meu garoto mais velho foge quando me vê.
- Minha mulher também já não se importa comigo. Nós só tivemos o último bebê porque cheguei em casa tão bêbado que tive a coragem de forçá-la. No dia seguinte, eu quase morri de vergonha, mas à tarde cheguei ainda mais embriagado. Por isso, tenho plena convicção de que o melhor para mim, e mais ainda, para minha família, é que eu saia definitivamente da vida deles.

Durante alguns segundos, ficamos os dois ali, sentados, muito quietos, cada um entregue a seus próprios pensamentos. Depois, fiz-lhe uma última pergunta:

- Jair, toda esta conversa de riacho encantado, pessoas exóticas, não me convence.
- Tem certeza que é verídico?
- Tanto as pessoas como o riacho, são mais reais do que nós dois.
- Tchau, Helena! Vou caminhar por aí. Quem sabe a gente ainda se vê.
- Tchau, meu rapaz. Obrigada pela atenção.

Mal ele se foi, Nora chegou de volta.

- Olá, amiga. Se aborreceu ficando tanto tempo sozinha?
- Eu não fiquei sozinha. Falei com uma senhora simpática de cabelos curtos, mas não perguntei seu nome. Depois, chamei um rapaz e ficamos conversando até agora.

– O nome dele é Jair.

– Eu sei quem é. Bem, quer dizer então que não fiz falta?

– Não foi isto que eu falei. Mas e aí, tudo em ordem?

– Tudo. Dona Maria queria me mostrar o bilhete da minha mãe, em que ela me pede para voltar para casa. Coitada, parece se sentir tão desesperada!

– Ué! Por que ela não veio te buscar, ao invés de mandar um bilhete?

– Ela não pode vir aqui, nem sabe onde fica. No bilhete ela diz que sente muito a minha falta.

– Quando estou em casa, ela não se cansa de me censurar, dá pra entender?

– Hum.... Nada original esse tal conflito de gerações. Por falar nisso, eu tenho duas filhas pré-adolescentes e só neste momento me dou conta de como tenho estado afastada delas.

– Hoje, deveríamos viver em pé de guerra.

– E não vivem?

– Que nada. Agente tem se falado tão pouco nestes últimos três anos que eu nem percebi as mudanças que certamente vêm ocorrendo com elas.

– Mas isso é muito legal, Helena. Bem que eu gostaria de ver minha mãe se esquecer de mim, por uns tempos. Ela não me deixa sossegada.

– Não diga isso. Se você soubesse como me chateia pensar que durante tanto tempo eu tenha me ligado em apenas uma das minhas filhas, como se as outras duas não existissem.

– Fui muito injusta, e acho que este é um débito que nunca poderei saldar. O tempo não retrocede. Se eu estivesse em outro lugar neste momento, iria chorar muito.

– Sei muito bem o que você quis dizer.

– Aqui onde estamos não existe espaço para sofrimento.

– Do portão do jardim para dentro, nunca presenciei alguém chorando.

Como se fosse para contradizê-la, no mesmo instante, ouvimos um choro alto e sentido. Ela me olhou espantada e disse depressa:

– Juro que é a primeira vez. Venha, vamos ver o que está acontecendo.

Nós andamos em direção aos soluços e logo depois Nora parou balançando a cabeça entre consternada e satisfeita.

Consternada porque encontramos um homem chorando em grande desespero.

– Satisfeita porque isto não iria desmenti-la.

Acontece que este homem encontrava-se no lado de fora da propriedade.

Podíamos vê-lo perfeitamente, porque não havia muro. O portão era uma grade e depois havia uma cerca de arame liso, onde se enroscavam as plantas trepadeiras.

O dito homem estava todo encolhido, um pouco à direita do portão, e seu corpo balançava ao compasso dos soluços.

Ficamos paradas observando sem saber o que deveríamos fazer ou dizer, até o momento em que, pressentindo nossa presença, ele levantou a cabeça e nos olhou como que pedindo socorro.

Nora resolveu falar:

– O senhor não está nada bem. Entre para que possamos ajudá-lo. O portão está aberto, não vê?

— Vejo moça. E fui eu mesmo quem o abriu pensando em voltar para casa, mas não estou conseguindo. Não entendo o que houve. Hoje eu decidi ir embora porque achei que estava completamente curado.

— Afinal, desde que vim para esta casa nunca mais senti dor de espécie alguma, mas, nem bem passei pelo portão, todas as dores, e aquele horrível mal-estar voltaram piores que antes. Não vou conseguir dar nem mais um passo. Por favor, me ajude a voltar aí para dentro.

Quando íamos sair para ajudá-lo, Dona Maria apareceu nos chamando bem alto.

— Helena, Nora, por favor, não saiam, podem deixar que eu vou ajudar o Sr. André. Numa fração de segundos o homem estava no lado de dentro do portão e Dona Maria servia-lhe uma xícara de chá. No mesmo instante, o choro e o desespero foram dissolvidos no ar, como por encanto. Eu não sabia o que pensar do incidente e nem por que Dona Maria fez tanta questão de ir pessoalmente socorrer o homem.

Isto eu perguntei e ela respondeu que foi um simples ato-reflexo.

Disse que estava tão acostumada a cuidar dos hóspedes que sempre assumia prontamente o atendimento, em caso de emergência.

Este episódio contribuiu grandemente para que eu ficasse ainda mais perplexa diante daquele lugar e das coisas que ali aconteciam.

Havia vários bancos espalhados pelo jardim, e eu convidei Nora a sentar-se comigo em um deles, para poder observar mais calmamente a mudança no comportamento daquele homem que ainda há pouco urrava de dor.

Ele começou a andar devagarinho, todo sorridente, como se nada houvesse acontecido.

Caminhou em nossa direção e eu resolvi interpelá-lo.

— Sr. André, que tal vir sentar-se aqui conosco? Gostaria de falar com o senhor.

— Com grande prazer, minha senhora, estou às suas ordens.

— E então, sente-se melhor?

— Melhor? Estou novinho em folha. Nem consigo acreditar numa cura tão rápida, e olhe que o medicamento não passou de uma xícara de chá.

— Há muito tempo o senhor está hospedado aqui?

— Quatro dias.

— O senhor é amigo da família?

— Acho que sou, desde este tempo.

— Por que está aqui?

— Bem, aí a história é meio comprida. Quer ouvi-la?

— Gostaria muito.

— Então prepare-se. Há cerca de quinze dias me submeti a uma operação na próstata.

— Tudo correu muito bem e eu já estava em convalescência quando fui atacado por uma grave infecção que me fez desejar a morte. Sentia dores ininterruptas e um incessante mal-estar que não me dava tréguas, conseguia dormir por alguns minutos, apenas com a ajuda de tranquilizantes.

— Não conseguindo debelar a causa da infecção, os médicos recomendaram a minha transferência para um hospital de maiores recursos. O Emanuel foi o enfermeiro indicado para me acompanhar até São Paulo, onde eu deveria ser internado no Hospital das

Clínicas. Como eu estava com muito medo de viajar, por causa das dores, fizeram-me ingerir uma boa dose de sedativos e eu adormeci tão logo saímos do hospital local.

– Dormiu até chegar em São Paulo?

– Não fomos à São Paulo.

– Não foram?

– Não. Quando acordei estava nesta casa. Perguntei por que e Dona Maria me explicou que houvera um problema com a ambulância.

– Como estávamos por perto, o Emanuel resolveu me deixar aqui, enquanto providenciava o conserto do veículo. Dona Maria pediu que eu não me preocupasse.

– Depois, ela me serviu uma xícara de chá e logo me senti forte e saudável.

– Nada de dores e nenhum mal-estar.

– A partir daquele dia eu passei a acreditar em milagres. Mais tarde eu pedi para que eles me deixassem ficar até o dia seguinte.

– Eu receava a volta das dores que tinham se evaporado num passe de mágica.

– Disseram que eu poderia ficar até quando desejasse.

– Fiquei e nem percebi o tempo passar. Hoje, pensando que estava completamente curado, comuniquei à Dona Maria o meu desejo de ir embora. Ela me explicou que o Emanuel não poderia me acompanhar porque não se encontrava aqui.

– Resolvi que iria até a estrada tentar conseguir uma condução.

– Assim, quando ultrapassei o portão, todos os sintomas daquela horrível infecção me atacaram novamente, o resto vocês presenciaram.

– Como o senhor explicaria o que aconteceu?

– Não tenho a mínima ideia.

– E agora, o senhor não vai mais embora?

– Hoje não. Já senti dores suficientes para mais de um ano. Agora, eu quero usufruir todo este bem-estar que preenche nosso belo jardim. Me dá licença?

– À vontade. Obrigada por sua atenção.

Ele se afastou lentamente e eu falei a mim mesma: esta é uma "Casa de Saúde", na concepção real da palavra.

– Como assim? perguntou Nora com curiosidade.

– Eu conversei com algumas pessoas e todas elas estão doentes, mas gozando de perfeita saúde, e o pior é que isto não significa incoerência por aqui. Pelo que pude verificar até agora, apenas eu neste lugar sou realmente saudável, excluindo-se, é claro, os donos desta bela propriedade.

– E você, Nora, qual é a sua moléstia?

– Nada disso, cara amiga. Na parte que me toca, posso lhe garantir que não sofro de nenhum tipo de doença. O que eu costumo fazer é fumar maconha e cheirar cocaína.

– O quê? perguntei tanto quanto consegui me sentir chocada. Você é uma viciada?

– Não posso levar a sério tal declaração, seu aspecto é o mais saudável possível!

– Quando estou por aqui não faço nada disso, mas regressando ao "lar doce lar", começo tudo de novo, então minha aparência não é propriamente esta que você está vendo agora.

– Sempre que fico saturada, alguém me traz para cá, e eu me recupero em segundos.

– Quer dizer que finalmente você resolveu abrir o jogo. Esta casa é um sanatório.

— Isto eu não sei e também não sei quem costuma me trazer, porque sempre que venho, estou em órbita. Sei apenas que sempre sou muito bem recebida e logo fico completamente lúcida, apesar de nunca receber nenhum medicamento.

Eu ouvia com atenção tudo o que Nora dizia e estava cada vez mais intrigada.

Não perguntei mais nada. Em vez disso, resolvi fazer um balanço da situação, para tentar entender o que se passava naquela casa. Por que o acaso me levou a conhecer aquelas pessoas, cada qual com um problema diferente, mas que de algum modo, pareciam se interligar? As coisas que eu tinha visto e também o que eu ouvi, era tudo tão inexplicável que eclipsaram meus próprios problemas.

Bem, pensei. Vamos ver: até agora eu conversei com um alcoólatra e uma viciada em drogas.

Isto poderia indicar que estou mesmo numa casa de recuperação, mas acontece que eu falei também com outras duas pessoas que sofrem de doenças orgânicas.

Daí, eu deveria concluir que estou num hospital. Tudo bem, pelo tamanho da propriedade, até poderia ser as duas coisas ao mesmo tempo.

Mas, então, por que não fui informada sobre isto, logo que cheguei?

Dona Maria disse que seu filho é enfermeiro e que há um bom hospital pelas imediações.

Então, o hospital não pode ser onde me encontro. Porém, depois de tudo, eu chego à conclusão de que o mais lógico era o Emanuel ter trazido o Sérgio diretamente para cá.

Ou não? As únicas pessoas que vejo circulando por aqui são os hóspedes.

Ninguém com aparência de médico. Também, por que médico, onde não há enfermos?

Será que vim me enfiar no meio de uma turma de gozadores, que estão a fim de se divertir à minha custa? Difícil acreditar nisso.

Tanto Dona Maria quanto Nora parecem tão sinceras! Mesmo assim, o caso do tal riacho encantado só pode ser brincadeira.

O balanço mental foi interrompido quando Nora me puxou de volta à realidade.

— Hei! Helena, onde você está, no mundo da lua?

— Não sei. Me diga você, onde nós estamos?

— No imenso jardim de uma belíssima casa toda pintada de azul, plantada bem no alto de uma colina, acertei?

— Não brinque. Você nunca tentou descobrir o que é realmente este lugar?

— Uma casa comum, onde moram uma senhora com o seu único filho e mais infinitos amigos que se revezam indo e vindo, conservando deste modo este casarão sempre cheio de gente?

— Taí, você perguntou e ao mesmo tempo respondeu de um modo certinho e adequado à sua própria pergunta.

— Que é isso, Nora? Onde já se viu! Com o custo de vida atual, como é que conseguem, o Emanuel e sua mãe, alimentar continuamente todo esse pessoal? Ai tem mistério!

— Como é que vou saber? Você é mesmo curiosa, Helena. Eu nunca tinha pensado nisso.

— Aliás, você é a primeira pessoa que fica encucando detalhes que não têm nada a ver.

— E se Dona Maria for uma milionária, cujo principal passatempo seja a filantropia?

— Pelo tamanho desta propriedade, esta hipótese não é descartável.

— Certo. Que seja. E as coisas estranhas que costumam acontecer com as pessoas, não lhe causa preocupação?

- O quê, por exemplo?
- Aquele homem que queria ir para casa e acabou causando toda aquela confusão.
- Depois de voltar, ele agiu como se nada de mais houvesse acontecido.
- Não gritou, não protestou.
- Isto por acaso é normal?
- Mas por que você acha que ele deveria gritar, ou protestar?
- Porque não conseguiu ir embora, como havia planejado, ora essa!
- E não foi falta de vontade. Você mesma presenciou o sofrimento do coitado.
- Digamos que ao inverso de mim, ele tenha lá fora, uma vida muito feliz.
- Então, a causa de todo aquele mal-estar seria uma excessiva ansiedade ao pensar em retomá-la. Ninguém teve culpa.
- Conclusão simples e lógica. Eu concordaria em número e grau, caso não houvesse conversado com aquele outro rapaz, o Jair, que tentou por duas vezes ir embora, e não conseguiu.
- Será? Ele também falou comigo a este respeito num dia destes, e me pareceu não estar com tanta vontade assim de ir para casa.
- Você acha?
- Claro. Na minha opinião, ele sai pensando em ir, mas logo em seguida se arrepende.
- É por isso que ele volta.
- Você tem sempre uma boa explicação para cada acontecimento. Só não dá para entender como jovens inteligentes feito você entram nessa de se drogar.
- O pior é que para isso eu não tenho uma boa explicação. Podemos pensar que eu não tive oportunidade ou orientação adequada para poder canalizar este meu alto QI na direção correta e acabei não sabendo o que fazer dele.
- Sendo este o problema, tudo pode terminar muito bem para você.
- Com tão pouca idade, terá todo o tempo necessário para reverter a situação e se curar.
- Bem que eu gostaria de ter o seu otimismo, Helena. Mas não é tão simples assim.
- Estando neste recanto de sonhos, vejo tudo com muita clareza e raciocino com a maior facilidade, mas é só ir para casa e minha cabeça volta a ser invadida por um amontoado de pensamentos sem nexos, desligados uns dos outros, onde não consigo decifrar nada.
- Por isso, ultimamente, tenho vindo muitas vezes e de cada vez tenho ficado mais horas por aqui. Receio já não ter todo aquele tempo a que você se referiu à minha disposição.
- Tem vezes que me sinto um Matusalém.
- Mas não deve, Nora. Jogue fora este desânimo! Por acaso você já procurou ajuda com pessoas especializadas?
- Alguma vez se internou numa clínica de recuperação para viciados?
- Claro que sim. Tantas vezes que nem tenho conta.
- E não deu nenhum resultado? Sempre ouço dizer que existem ótimas clínicas e que se a pessoa quer realmente deixar o vício, a melhor saída é se internar numa delas.
- Talvez no fundo eu não queira mesmo parar.
- Mas por quê, menina?
- Ainda há pouco você me dizia que quando está aqui não necessita das drogas e por isso vem sempre, e agora me diz que não quer parar?



- Existe ou não um flagrante descompasso no seu raciocínio?
- Pode parecer, mas não há incoerência alguma.
- Então, eu sinto muito, mas não estou conseguindo alcançar o significado de suas palavras.
- Não é tão difícil entender. Durante o tempo em que fico neste lugar sou uma pessoa feliz, que não precisa de drogas para se sentir leve e solta, mas, ironicamente, para que eu possa estar aqui, eu preciso usar drogas. Eu, sozinha, não sei o caminho.
- Quando me encharco, mamãe me leva para a clínica e é sempre de lá que alguém me traz para cá.
- Isto está errado, Nora. Sua mãe sabe que eles fazem isso?
- Eu contei para ela, mas mamãe não acredita na existência deste "mini paraíso".
- Acha que é o delírio causado pelas drogas.
- Mas ela não lhe mandou um bilhete?
- É proibido visitas lá na clínica, por isso minha mãe costuma me escrever.
- Alguém traz os bilhetes para Dona Maria.
- Não entendo por que Dona Maria e seu filho se arriscam tanto recebendo pessoas com a saúde tão comprometida. São indivíduos que eles nem conhecem, apesar de tratarem a todos como se fossem velhos amigos. Ainda por cima, deixam as pessoas ficarem o tempo que lhes aprouver.
- Você, por exemplo, está se arriscando quando fica indo e vindo da clínica para cá.
- O que você precisa mesmo é de um tratamento sério e prolongado.
- Não sei ao certo do que é que eu preciso, mas se pudesse, ficaria aqui para sempre.
- Pena que depois de certo tempo, uma estranha ansiedade me empurra de volta para casa.
- Por isso, eu disse que, talvez, não queira realmente parar com as drogas, pois é através delas que eu consigo chegar até este lugar abençoado, onde meu pobre cérebro alcança a paz verdadeira.
- Sem isto, acredito que eu já teria enlouquecido.
- Ainda assim, e por isso mesmo, na minha opinião, a solução para o seu caso, seria um tratamento normal, numa clínica idônea, onde tenham capacidade para ajudá-la de verdade, sem apelar para o curandeirismo à base de um chá não sei do quê, e que parece ter um efeito alucinógeno.
- Não entendi nada. Explique-se melhor.
- Acabo de chegar à conclusão de que aqui se pratica "a cura pelo chá".
- Certamente este local serve para aliciar pessoas que irão se juntar aos fanáticos no outro lado da colina.
- Parece que um dos "fornecedores" é a clínica onde você costuma se internar.
- Como vê, o quadro está quase todo montado. Só me falta descobrir qual é a finalidade de tudo isso.
- Minha nossa! Que imaginação fértil você tem, Helena. Só falta você dizer que eu faço parte da gang!
- Isto eu ainda não decidi.

Olhei para Nora e rimos as duas, pois apesar de toda curiosidade a respeito do que ocorria no lugar, eu não estava agitada, nem tampouco nervosa. No máximo me sentia intrigada.

– Vamos esticar as pernas? Disse Nora se levantando. Acompanhei seu gesto e durante algum tempo andamos a esmo, em silêncio, apenas saboreando a suavidade quase palpável daquele recanto, até que minha companheira resolveu reiniciar a conversa.

– Helena, fale-me sobre você. A curiosidade não é um mérito só seu. Também sou filha de Deus.

Neste momento, ouvimos ao longe, o tilintar de uma sineta e Nora me informou que era hora do almoço.

– Mas não pense que vai me escapar, disse ela. Depois eu quero ouvir suas memórias tim-tim por tim-tim.

– Calma! Está tudo muito bem. Não sou nenhuma foragida da justiça e nada tenho a esconder.

– Não falei sobre mim até agora porque ninguém se interessou.

– E você deixou? Parece até uma detetive tentando desvendar um crime!

– Para Sherlock só estão faltando a lupa, o cachimbo e o boné.

– Nem tanto, vá! Mas mudando de assunto, onde vamos comer? A sala é grande, mas não tanto que possa acomodar todos nós de uma só vez. Vamos nos revezar?

– As refeições são servidas ao ar livre, logo ali mais para trás da casa.

– Tem espaço de sobra.

– Só o café da manhã é na sala, porque cada um levanta a hora que melhor lhe convém.

Nora me pegou pela mão e me conduziu a um local incrível, como tudo o que se via naquele recanto, o lugar destinado às refeições parecia um ambiente de sonho.

Mesinhas, cada uma com quatro lugares, estavam espalhadas graciosamente numa grande extensão plana do terreno. Em vez do costumeiro vasinho no centro, havia uma roseira plantada ao lado de cada uma das mesas. Estas roseiras estavam fortemente floridas e tinham rosas em todas as cores: brancas, vermelhas, amarelas...

O vasto gramado, que era o assoalho dali, parecia um enorme tapete aveludado, tecido com desenhos geométricos em todos os tons de verde. Era impecavelmente uniforme e contrastava lindamente com a brancura brilhante das toalhas rendadas que forravam as mesas.

A comida que se encontrava sobre as mesas estava acondicionada em vasilhas de cristal, que deixavam transparecer o colorido das verduras e dos legumes, para embelezar ainda mais o cenário.

Aquele lado da propriedade era descampado. As vegetações mais altas por ali eram as roseiras. Mesmo assim, a atmosfera não era diferente daquela que se podia desfrutar no jardim propriamente dito. A leve brisa não fustigava e nem chegava a balançar uma única flor. Por este motivo, não se via nenhuma folha ou pétala caída no chão, nem nas mesas.

Eu não estava faminta, mas se estivesse, penso que teria me saciado com a simples visão de tudo aquilo.

– Nora, falei preocupada. Não nos lembramos de oferecer ajuda à Dona Maria para o preparo das refeições. Imagino que muita gente tenha vindo ajudar. De outra forma, ela não teria como cozinhar para tantas pessoas. E arrumar todas essas mesas com tamanha perfeição, certamente deu um trabalhão.

— É mesmo. Eu nunca me preocupei com isso mas se você quiser depois nos apresentamos para levar os pratos. Onde vamos nos sentar?

Olhei à nossa volta e escolhi uma mesa onde já tinha dois ocupantes. Nora me seguiu em silêncio.

— Bom dia, podemos nos sentar ou os lugares estão reservados?

Perguntei, alegremente, a um dos dois adolescentes que ocupavam a mesa.

— Bom dia, fiquem à vontade. Eu sou a Júlia e este é o Alexandre.

— Estamos sozinhos, respondeu graciosamente a menina, ao mesmo tempo em que se apresentava e ao amigo que estava ao seu lado.

Aparentavam ter entre doze e quatorze anos de idade.

— Que ótimo! disse eu. Então nós vamos lhes fazer companhia. Eu sou Helena e ela é Nora.

— Prazer, responderam em dueto.

Nós nos sentamos e nos servimos. Claro que eu me interessei em saber o motivo de estarem os dois sozinhos ali. Explicaram-me que iam em uma excursão escolar e o ônibus que os conduzia, ao se desviar de um pedestre imprudente, possivelmente embriagado, acabou caindo no rio Paraíba.

Eles foram salvos pelo Emanuel, que naquele momento passava pelo local.

Tinham sido trazidos por ele naquela manhã e estavam aguardando que seus pais viessem buscá-los a qualquer momento.

As circunstâncias que faziam pessoas chegarem à Casa Azul na Colina eram sempre similares.

Após a refeição e uma nova xícara de chá, nós nos despedimos das crianças.

Eu e Nora fomos nos oferecer para ajudar na lavagem das louças. Dona Maria encontrava-se sentada na sala, conversando animadamente com uma moça, provavelmente uma nova hóspede.

Ao ouvir nossa oferta ela sorriu e disse que nossa preocupação não tinha razão de ser.

Os pratos já estavam sendo lavados. Havia máquinas para este serviço.

— Mas são tantos! exclamei.

— Tenho várias máquinas de lavar pratos querida. Por favor, não se preocupe com coisas assim.

— Vá passear por aí, junto com sua amiga. Eu a convidei a ficar para descansar, e não para trabalhar.

Assim que saímos, Nora exclamou vitoriosa:

— Não te disse, Helena? Obviamente Dona Maria é uma milionária que usa seu dinheiro para ajudar os necessitados.

Concordei, balançando a cabeça afirmativamente. Nora deve ter percebido que eu estava meio aérea, porque calou-se e ficamos apenas vagando, sem rumo certo, durante um bom tempo. De repente, senti uma mudança brusca na temperatura.

O ar ficou carregado, denso. Como eu já estava habituada com a limpidez daquele lugar, fiquei admirada ao ver tudo nublado, como se a qualquer momento fosse desabar um temporal. Nora me explicou que estávamos por perto do riacho e naquele local da propriedade era assim mesmo. Tranquilizou-me, garantindo que não ia chover e resolveu me cobrar as confidências.

Comecei a lhe falar coisas banais da infância, até chegar ao namoro com Sérgio.

Aos poucos, fui me animando ao relembrar a felicidade que habitou meu coração desde o casamento e lhe falei alegremente sobre este período, e depois contei muita coisa mais, sobre Elisabeth e Valéria.

Senti um véu negro envolver todo meu ser quando comecei a revelar toda angústia que veio substituir a felicidade, desde o nascimento da pequena Vânia, sem esquecer de mencionar o desrespeito e pouco caso do meu marido em relação à nossa filha menor e seu precário estado de saúde.

Era a primeira vez, desde que eu cheguei àquela lugar, que eu me entristecia ao pensar em minha filhinha, a não ser a leve menção feita àquela senhora de cabelos curtos, foi também a primeira vez, desde a tarde do dia anterior, que eu falava sobre a Vânia.

Nora me ouviu atentamente, sem interromper uma vez sequer.

Mesmo depois que eu acabei de falar, ela permaneceu calada um longo tempo, como se estivesse escolhendo as palavras que deveria usar. Finalmente, resolveu perguntar:

– Conhece seu marido há muito tempo?

– Posso dizer que o conheço desde que nasci.

– Éramos vizinhos, crescemos juntos, começamos a namorar quando eu tinha quatorze anos e nos casamos cinco anos mais tarde. Estamos casados há treze anos.

– Isto quer dizer que você o conhece profundamente.

– Eu diria que o conheço muito bem. Profundamente, não conheço nem a mim mesma.

– Não?

– Não. Tem vez que eu me surpreendo com novas atitudes, as quais nunca imaginei que pudesse ter, senão no momento em que as assumo.

– Entendi. Esta afirmação comprova que você não está convicta da validade do seu julgamento em relação ao seu marido.

– Aposto como o Sérgio não é, nem de longe, um homem frio e calculista, desses vaidosos que colocam suas ambições à frente dos sentimentos de seus semelhantes.

– Eu nunca disse que meu marido é assim! Do modo como está falando, parece que eu lhe disse que me casei com um monstro. Eu nunca diria isto. Não! Muito pelo contrário, Sérgio é um homem sensível e carinhoso. E isto é regra geral. Ele é muito estimado por todos que o conhecem.

– Então, Helena?... Como é que você pode afirmar que ele não se importa com a pequena Vânia?

– Este seria o comportamento de alguém muito frio. Principalmente em se tratando de uma criança doente e além de tudo sua própria filha. Acha isso possível?

– Eu não saberia lhe explicar, Nora. Mas a verdade é que ele nunca ligou para nossa caçula.

– Também eu fico desconcertada quando me ponho a pensar sobre este assunto.

– Me vem à mente o tempo em que as duas mais velhas eram bebês.

– Ao contrário dos meus irmãos que se intimidam ao carregar crianças recém-nascidas, meu marido sempre gostou de segurá-las no colo.

– Desde que nasceram, ele me ajudava com o banho e até na troca de fraldas.

– Porém, no caso de Vânia, seu desinteresse foi total.

– Jamais presenciei alguma demonstração carinhosa da parte de Sérgio em relação à pequena, a não ser um leve roçar de dedos pelo seu suave rostinho, que mais se assemelha

à piedade em vez de afeto. Às vezes eu não resistia e jogava indiretas que ele rebatia dizendo ter problemas em seu trabalho e por isso não tinha disposição para brincadeiras.

– Eu sei que não era verdade, apesar de ter se transformado num homem tristonho e introvertido desde o nascimento da pequena, o carinho com que sempre tratou as mais velhas não sofreu nenhum abalo. Se quer saber, penso que até aumentou. Digo isto porque volta e meia eu o via com uma das meninas no colo, com o olhar perdido, a vagar, sabe Deus por onde. Para mim, Sérgio estava tão seguro de que finalmente iríamos ter o seu sonhado sucessor, que ao ver este desejo frustrado, sentiu uma decepção tão grande a ponto de não conseguir aceitar e amar o novo bebê.

– Somente pensando assim, eu consigo entender suas atitudes desde que Vânia nasceu.

– E você, Helena, também não ficou decepcionada ao saber que a criança não era um homenzinho? perguntou-me de supetão, uma voz suave, mas muito grave, que não poderia ser de Nora.

Olhei para ela franzindo a testa interrogativamente. Ela levantou o queixo me indicando a direção em que eu deveria olhar.

– Estamos a poucos passos do riacho e quem lhe dirigiu a palavra se encontra logo ali, no outro lado disse-me ela. Para vê-lo, você deve relaxar bem a mente e olhar fixamente para aquele ponto.

Espantada e curiosa (minha sensibilidade havia voltado aceleradamente), fixei o olhar.

Eu estava muito tensa e foi preciso muita força de vontade para relaxar.

Minutos depois, consegui enxergar o riacho. As águas que ficavam próximas às duas margens brilhavam tanto que pareciam ser pura prata derretida, chegando a ofuscar a visão.

Em compensação, no centro, a água era negra feito piche. Logo acima deste riacho, que naquele momento me pareceu realmente mágico, erguia-se uma espessa camada de névoa, através da qual eu consegui apenas visualizar um vulto parado na margem oposta de onde eu estava. Ainda um pouco receosa, resolvi retrucar.

– Quem lhe deu o direito de ficar ouvindo conversa alheia, e ainda por cima ter a ousadia de se imiscuir no assunto, sem mais nem menos? perguntei, exaltada.

– Ninguém, respondeu calmamente o meu interlocutor, ouvi porque você estava falando alto e interferi com a intenção de ajudar.

Mais que suas palavras, o tom doce e paternal em sua voz, me desarmou imediatamente.

– Sei que não estou sendo gentil, mas o senhor deve entender que assustei-me ao ouvir sua voz assim tão de repente. Ainda mais, por causa desta névoa que não me deixa enxergar direito.

Vejo apenas o seu vulto. Sei que é um homem pelo timbre da voz.

– Pelo tom paternal, imagino que não seja um rapaz, acertei?

– Talvez. Isto não tem a menor importância. Quem e como sou pode ficar a cargo de sua imaginação. O que importa é que você responda a pergunta que eu lhe fiz.

– Poderia então repetir exatamente o que me perguntou?

– Eu gostaria de saber se você também não ficou decepcionada ao saber que não tinha dado à luz um menino. Responda sinceramente.

– Fiquei. Eu me decepcionei por não ter tido um menino, mas não por ter tido uma menina.

- Eu já tinha duas filhas, acho que era perfeitamente normal e sadio meu desejo de ter um filho, só que isto não ofuscou a felicidade de ver chegar a minha menininha.
- Nunca a amei menos e nem amaria mais se fosse um garoto.
- E como pode afirmar com tanta convicção que foi diferente com o seu marido?
- O pior é que foi. Já que ouviu tudo o que eu estava contando para minha amiga, deve ter percebido o grau de desinteresse demonstrado pelo Sérgio em relação à Vânia.
- Seria mesmo desinteresse? perguntou-me o insistente personagem.
- Segundo suas próprias palavras, a partir do nascimento de sua filhinha menor, seu marido passou a ser um homem tristonho. Não acha que deveria existir um forte motivo para esta mudança? Simples desinteresse não gera tristeza.
- Também acho, meu senhor. E já dei minha opinião a este respeito.
- Tal tristeza brotou da decepção ao saber que não iria mais ter a chance de ser pai de um garoto que seria a continuação dele próprio. Que outro motivo poderia existir? Respondi secamente, sentindo aquela irritação inicial reavivar-se perante o empenho daquele homem em defender o Sérgio.
- Calma, Helena. Não precisa ficar nervosa. Não tenho a intenção de discutir com você.
- Acho apenas que não custa nada tentar ver as coisas por um outro ângulo.
- Você mesma, por exemplo, agiu de modo diferente no trato com sua terceira filha!
- Ouvi você dizendo sempre que quis superprotegê-la, mesmo antes de saber da doença.
- E não foi apenas o Sérgio que mudou. Quando você estava falando sobre o passado, eu pude ver uma jovem alegre e descontraída, ao passo que ao se referir às coisas atuais, pude sentir que você se transformou numa mulher amarga, mesmo que não tenha se dado conta disso.
- Entendo que o senhor, como homem, queira ficar do lado do meu marido, mas não é por aí. Acusando-me, não livrará o Sérgio tão facilmente.
- Desculpe-me o pouco tato, mas preciso lhe dizer que acho bem atrevido o seu modo de ficar me interrogando sem quê nem porquê, com o agravante de nem termos sido apresentados um ao outro.
- Tudo bem se não quer falar comigo. Eu não vou mais insistir, mas sei que você iria entender muito melhor as coisas caso resolvesse se livrar desta irritação que minhas palavras lhe causaram e aceitasse reformular sua opinião tão radical a respeito de Sérgio no caso da Vânia.
- Depois de tanto blá, blá, blá, agora o senhor pode ao menos me explicar o motivo de seu vibrante interesse em inocentar meu marido? Creio que vocês não se conhecem.
- O Sérgio não está presente e nem estamos num tribunal, portanto, pelo que me consta, ele não está precisando de nenhum advogado.
- Mesmo fora de um tribunal, quem estiver sendo acusado injustamente, precisa de alguém que o defenda. Aliás, num tribunal, até o mais reles criminoso tem direito à defesa, sabia?
- Mas o meu marido não é um criminoso! E eu não estou tentando condená-lo.
- Só estava contando à Nora da minha tristeza devida à indiferença dele pela filha, e lastimava também a mudança no seu jeito de ser desde o nascimento de Vânia.

— Eu não posso deixar de culpá-lo por não ter percebido que havia algum problema com a saúde da pequena! Mas isso de modo algum significa que eu ache que ele deva receber algum castigo ou sanção. Apenas não consigo mais encará-lo como antigamente.

— E você acha que isto não é um castigo? Encare o fato de que você também mudou nestes três anos, Helena. E não foi para melhor.

— O senhor queria que eu estivesse exalando felicidade, tendo que assistir ao sofrimento de minha filhinha? Só que eu não sou insensível. Sou humana.

— Concordo que desde há um ano, você tem passado por maus pedaços, mas, e antes?

— Porque, mesmo antes da doença se manifestar, você já vivia pisando em brasas, não é mesmo?

— É verdade. Se me permite uma observação, devo dizer que o senhor é dotado de uma audição fabulosamente desenvolvida, além de possuir um extraordinário senso de dedução.

— Parece conhecer profundamente os detalhes de um assunto que eu vinha comentando pelo caminho, desde bem longe daqui. Já que se mostra tão interessado, vou lhe dizer por que vivia em brasas. Sou mulher e mais que isto, eu sou mãe.

— Espero que já tenha ouvido falar em intuição feminina e entenda que geralmente as mães são exímias observadoras. Todos os detalhes relativos à saúde física ou mental das crianças são alvos da profunda análise por parte da maioria das mães, que infestam este vasto mundo de Deus. Principalmente em se tratando de indefesos bebezinhos.

— Não sei o porquê de tanta ironia.

— Porque espero que depois desta bela dissertação, o senhor tenha entendido que mesmo sem saber, eu sentia que havia algo de errado com a minha filhinha. E para aumentar a minha tristeza, eu pude contar com a indiferença de Sérgio, que a cada comentário que eu fazia sobre o não desenvolvimento da criança, respondia de modo ríspido, tratando de encerrar o assunto com grande rapidez.

— Entendeu tudo, agora?

— Ainda não. Suas ações você explica facilmente de modo subjetivo.

— Já no caso de seu marido você tenta ser o mais objetiva possível, apresentando em detalhes uma série de situações que poderíamos chamar de provas do crime.

— Por que em se tratando dele você se recusa a conjecturar, tentando pelo menos, supor qual foi o bom motivo que o levou a agir daquele modo? perguntou-me o homem, recusando dar-se por vencido.

— Olhe aqui, meu senhor! Disse eu, já no auge da minha paciência, não vou mais lhe dar satisfações e nem teria porquê. E agora quem vai responder é o senhor. Qual é seu interesse nesta história, e por que tenta por todos os meios inocentar o meu marido?

— Simples, Helena. Quando eu vivia lá fora, além dos portões da casa da colina, eu exercia as funções de promotor público. Desta forma, no cumprimento do meu dever, eu usava toda minha capacidade de persuasão para conseguir a condenação dos réus entregues a meu serviço. Houve casos em que antes do julgamento, o advogado de defesa veio me procurar com a intenção de me convencer da inocência de seu cliente.

— Sem ter provas conclusivas, o defensor me trazia apenas teorias que eu rejeitava sempre, sem nem mesmo pensar sobre o assunto. Depois que me mudei para cá, livrando-me da vaidade profissional, tive bastante tempo para refletir sobre alguns destes caso e cheguei à



triste conclusão de que a minha intolerância e autossuficiência condenaram a muitos anos de cárcere, pessoas inocentes. Isto quer dizer que minha cega e radical sede de justiça vitimou injustamente muita gente sem sorte, que a lógica me garantia serem culpadas.

— Sinto muito. Mas não sei o que isto tem a ver com Sérgio.

— Tem tudo. Depois que descobri como qualquer ser humano pode ser falho num julgamento, mesmo com as melhores intenções, resolvi usar meu talento e capacidade inversamente, buscando inocentar as vítimas da incompreensão humana.

— Falando nisso, que tal simularmos um julgamento só nós dois? Você é a acusação e eu a defesa.

— Aí onde o senhor vive agora, tem um tribunal onde possa desempenhar sua atividade?

— Não. Só vive aqui quem certamente já foi absolvido.

— Devo entender que está querendo brincar? Então vamos lá. Que provas a defesa pode me apresentar?

— Prova número um: tristeza contínua do réu, desde o nascimento da suposta vítima.

— Rejeitada, respondi prontamente. Já dei meu parecer a este respeito.

— Então vamos à prova número dois: camisas e calças novas, compradas regularmente pelo réu, a partir de alguns meses após o nascimento de Vânia.

— Hei, Sr. advogado! exclamei desconfiada. Como é que o senhor soube deste detalhe?

— Apesar de ser um dos motivos da minha revolta, tenho certeza de jamais ter comentado este fato com ninguém.

— Não importa como. É obrigação da defesa estar a par de tudo que se relacione com o caso. De outro modo, eu seria um incompetente, Sra. promotora.

— E é. Esta sua prova só vem reforçar minha certeza da culpa do acusado.

— Quer explicar?

— Pois não. Como é que um chefe de família, vendo claramente o desencanto de uma esposa cada dia mais sofrida, tem a capacidade de se preocupar com futilidades, tais como renovação periódica do guarda-roupa?

— Antes de rejeitar esta prova, você pode me dizer se conferia o número do manequim nas roupas novas?

— Eu não! O senhor acha que, tendo a cabeça a mil, sempre ligada em Vânia, com a esperança de ver surgir uma coloração sadia em seu rostinho ou sentir em seu corpo franzino alguns quilinhos a mais, eu teria tempo para me preocupar com estas coisas?

— Hum.... acho que não. Ou melhor, tenho certeza de que não.

— Porque você nem percebeu a coloração desaparecendo aos poucos no rosto do Sérgio e a numeração cada vez menor, a cada remessa de roupa que ele comprava.

Ao ouvir estas últimas palavras, eu não sabia o que responder e me veio uma imensa curiosidade de ver claramente o rosto do meu interlocutor. Não achava possível que ele fosse um desconhecido.

Como ele poderia saber tanto sobre minha vida? Eu precisava vê-lo e identificá-lo.

Neste intuito, fixei meu olhar o mais que pude em direção ao vulto, mas não consegui distinguir mais nada, além de uma figura etérea em meio àquela névoa.

E efeito do chá pensei, balançando a cabeça na intenção de clareá-la.

Neste momento, minha atenção foi desviada por um som estranho, semelhante a um uivo abafado.

Só então me lembrei da presença de Nora. Olhei para ela e perguntei se estava ouvindo o estranho ruído.

— Desde que chegamos, respondeu minha amiga. Você não percebeu porque se distraiu a conversar.

— E o que é?

— Olhe ali um pouco mais à nossa frente, bem na minha direção, tem um homem completamente nu. Ele está tiritando de frio e emite estes gemidos.

— Por que ele estaria sentindo frio? Apesar da névoa, não senti mudança na temperatura amena deste lugar.

— Nem eu. Mas se nos aproximarmos mais alguns centímetros da margem do riacho é provável que iremos sentir tanto frio quanto ele. Dizem que isto anima a pessoa a entrar logo na água, quando vai atravessar para o lado de lá.

— Mas a Dona Maria me contou que só pelo meio do riacho é que a água é muito gelada.

— Isto é a água. Mas ali onde está aquele homem, é o vento que gela até os ossos.

Dona Maria esqueceu de lhe falar sobre isto.

— É demais. Neste mundo tem louco pra tudo. Mesmo sabendo destas coisas, tem gente que se submete, e para quê? Para ir viver num lugar desconhecido em meio a pessoas incomuns que podem ser inclusive perigosas.

— Não acredito que sejam. E depois, em compensação, dizem que esta sensação gelada, que ataca por duas vezes as pessoas que vão para o outro lado do riacho, será o último sofrimento que elas enfrentarão na vida. Depois disso, serão imunes a qualquer tipo de dor.

— Eu não acredito! Isto só pode ser brincadeira. Mas, de qualquer forma, se aquele homem acredita neste amontoado de asneiras que dizem sobre a vida naquele lugar e está decidido a ir comprovar, por que será que ele não entra na água de uma vez para se livrar da friagem que o magoa deste jeito?

— Não sei. Veja como ele se encolhe e não sai do lugar. Estou morrendo de dó.

Gostaria de ajudá-lo, mas, não consigo dar mais nem um passo à frente. Parece que estou pregada no chão.

— Tente você, pediu-me Nora.

E eu tentei várias vezes com muito empenho mas não consegui.

Consegui andar para os lados e para trás, mas para frente não tinha jeito. Me senti pregada no chão, do mesmo modo que Nora.

— Não adianta, Helena. Ninguém pode ajudá-lo a não ser ele próprio, disse com toda segurança aquele intrometido que há pouco se dedicava à defesa do meu marido.

— O senhor de novo? perguntei indignada. Pelo que vejo, seu passatempo favorito é se meter nos assuntos dos outros. Parece-me também que o senhor é um sabe-tudo.

— Sendo assim, por que não diz ao pobre homem o que ele deve fazer?

— Não é preciso. Ele sabe muito bem que antes de entrar na água é preciso se livrar de todos os pertences e atirá-los no riacho.

— Mas ele já fez isto! O infeliz está completamente nu e descalço a tiritar de frio.

— Sabe por que não estou conseguindo me aproximar para ajudá-lo? perguntei tentando manter a calma.

— Não pode. Precisa entender que para tudo neste mundo existe um limite.

- Agora, por exemplo, você está exatamente no limite entre o seu lado e o meu.
- Quem pertence ao lado onde você está, não vai conseguir chegar mais à frente, de jeito nenhum.
- E este pobre homem aí na minha frente, pertence a que lado?
- Ele pertence ao meu lado, porque já decidiu assim.
- Deve haver alguma coisa atrapalhando sua travessia. Por enquanto, pode-se dizer que ele está dependurado entre o meu lado e o seu lado, ao qual ele pertenceu até uns minutos atrás.
- Dá para ele voltar para o meu lado? perguntei ansiosa.
- Se ele quisesse, poderia. Mas, sei que não quer. Quem chega onde ele chegou, é porque está decidido a enfrentar a travessia e conquistar para sempre o bem-estar infinito, que só pode ser alcançado aqui onde estou.
- De qualquer forma, é desumano ficar observando tamanha agonia de braços cruzados.
- Se eu não posso ajudá-lo, talvez o senhor possa. Ou não?
- Não. O problema dele será resolvido quando ele se livrar de alguma coisa que o mantém preso nesta faixa gelada que podemos chamar de plataforma de embarque. Eu não conseguia desviar o olhar daquela figura patética, magra e trêmula.
- O coitado se assemelhava a um personagem de filme de suspense. Nunca consegui ficar indiferente, seja qual for a situação e por isso decidi me dirigir diretamente ao pobre homem:
- Moço, se é isto mesmo que quer, porque não entra de uma vez neste riacho?
- É tudo o que eu quero neste mundo, minha senhora, mas não estou conseguindo.
- Não tenho coragem de jogar no riacho o meu anel de formatura.
- Lutei tanto para consegui-lo!
- Vê como sou pequeno e franzino? Sem meu anel, ninguém irá me dar importância.
- Neste momento, você se sente importante? perguntou o vulto no outro lado do riacho.
- Claro que não! Estou quase congelando e não sei o que fazer.
- Sinto-me um imbecil, isto sim, respondeu o homenzinho.
- Você está usando o seu anel e nem por isso sente-se um grande homem.
- E você sabe, sim, o que fazer. Concordo que esteja fazendo papel de imbecil.
- Pra onde você vem, este anel não serve para nada.
- Aqui não temos escala social. Vamos, acredite em mim. Jogue na água este objeto e venha que estamos lhe esperando.
- Vocês querem mesmo que eu faça parte de sua comunidade? Ficarão felizes por eu ir morar com vocês?
- Sim, caro amigo. Nós queremos que você venha ficar conosco. Ficaremos felizes por poder desfrutar de sua companhia.

Ao ouvir estas palavras, o homem arrancou o anel do dedo e atirou no riacho, entrando neste, em seguida.

Eu fiquei observando e aconteceu tudo como Dona Maria havia me explicado. Mas foi tudo tão rápido, que mal tive tempo de ficar penalizada quando no meio do trajeto o coitado voltou a se retorcer e tremer. Num instante ele pareceu sofrer um leve desmaio e quando emergiu perto da outra margem, andava tão firme e resoluto, que apesar do

tamanho, via-se nele, um gigante. Eu fiquei observando-o satisfeita até que ele saiu do riacho para se confundir com a névoa. Passou a ser, então, apenas um vulto igual àquele que o convenceu a jogar o anel na água.

Desta vez, fui eu quem resolveu conversar com o intrometido.

— Isto não está certo. Chantagem sentimental não é coisa que se faça.

— Não sei de que você está falando, Helena.

— Sabe sim. Percebendo o quanto aquele homem é carente, o senhor usou de bajulação para convencê-lo a se desfazer do anel e mudar-se para o seu lado.

— Isto não é verdade. Ele veio porque quis. Ninguém é convencido a fazer alguma coisa que realmente não queira. E além disso eu não bajulei ninguém.

— O que eu disse é pura verdade. Nós sempre ficamos felizes em receber novos adeptos.

— Poderia me dizer qual o motivo desta felicidade? Enfim, esta sua comunidade é bastante original. Disseram-me que vocês aprisionam a todos que chegam aí.

— Eu sei que não foi isso que lhe disseram. Você está querendo me provocar.

— Mas não vai conseguir. Bem ao contrário do que você pensa, todos aqui gozam de plena liberdade.

— Mas nós não vamos continuar com o julgamento? Aquele novo membro do meu grupo nos interrompeu e agora estamos fugindo do assunto.

— É verdade. Será que a acusação pode pedir um pequeno recesso?

— Preciso pensar sobre a prova número dois.

— Por mim, tudo bem. Hoje o meu tempo é seu.

— Obrigado. Desculpe minha indelicadeza e impaciência. Desde ontem eu estava tão tranquila!

— Não sei por quê, de repente, me vejo novamente ansiosa e agressiva.

— Acho que é influência desta névoa.

— Com licença, vou andar um pouco por aí e quando me sentir melhor eu volto.

Nora continuava pacientemente parada ao meu lado. Agradei-lhe por isso e a convidei para regressar comigo até o jardim. Não sei como nem quando, só sei que tão de repente como veio, durante o caminho de volta, toda minha angústia se foi.

— Helena, disse Nora, assim que avistamos o jardim.

— Por favor, não me considere indiscreta, mas eu queria dar minha opinião sobre sua fixação em acusar seu marido.

— Não é fixação, Nora. Era convicção, que diga-se de passagem, no momento encontra-se seriamente abalada.

— Ah, é! Que bom! Já estava ficando com pena do Sérgio. Sinceramente, eu acho que você está sendo muito injusta com ele.

— Você também? Eu ainda não cheguei a nenhuma conclusão, mas aquele "senhor sombra" colocou um detalhe que precisa ser estudado. Por falar nisso, aquele local perto do riacho não parece fazer parte deste mundo. É um pouco sombrio e se eu não tivesse deixado o julgamento inacabado, nada me levaria para lá outra vez.

— Principalmente porque não estou nada animada para assistir a outra cena parecida com aquela do homenzinho indeciso. Foi deprimente.

— Aquilo foi um acidente. Já presenciei inúmeras travessias e é tudo muito simples.

- Se a gente não estiver olhando atentamente, nem chega a perceber aquele breve momento de agonia no centro de riacho.
- Ainda bem. Notou que mudamos o rumo do assunto? Você e a sua opinião a respeito das minhas convicções.
- Isso mesmo! Sem pretender melindrá-la, acho que sua insistência em culpar Sérgio vem de seu próprio complexo de culpa.
- Eu? Culpada de quê? Vivi os últimos três anos exclusivamente em função de minha filha!
- Exatamente por sentir-se culpada é que você resolveu relegar a segundo plano o resto da família, e dedicar-se a ela por inteiro.
- Mas por que eu iria me sentir culpada?
- Porque tanto quanto Sérgio, você desejou um filho e sentiu-se frustrada ao saber que havia nascido mais uma menina.
- Isto você me ouviu explicar ao Sr. Sombra. Eu disse também que considero normal minha atitude. Não tenho complexo de culpa.
- Tem sim, Helena. E somente se livrará disso quando assumir o problema de frente.
- Você é inteligente o bastante para tentar mascarar sua culpa, perante si mesma.
- Só que o seu subconsciente a acusa e como mãe, você não suporta esta acusação.
- Para livrar-se dela, você a transfere para o Sérgio.
- Será que eu sou tão má assim?
- Claro que não é! Se você fosse uma pessoa má, teria conseguido se desvencilhar e não sentiria culpa. Pessoas maldosas não sofrem, fazem os outros sofrer.
- Nora, você percebeu que eu não estou irritada com suas observações?
- Quando vinham daquele senhor do outro lado da colina, eu quase não conseguia me controlar de tanta raiva.
- São os ares daquele lugar, Helena. Não é como aqui, tão sereno e agradável.
- Mas dizem que lá onde ele fica, é ainda infinitamente melhor que por aqui.
- Apenas onde estávamos, ali pelas imediações da margem, no nosso lado, é que a gente sente aquela impressão de crepúsculo num dia de outono.
- Sabe que você é a pessoa mais sensível que eu conheci em toda minha vida, Nora?
- Ninguém expressa tão bem às emoções, do modo como você faz.
- A atmosfera neste jardim e em grande parte deste lugar nos incute uma serenidade além da compreensão.
- Porém, naquela parte onde paramos ainda há pouco, me senti numa tarde cinzenta e triste, e fui acometida por uma ansiedade ainda maior que aquela que costumava me acompanhar desde que dei à luz Vânia.
- É o que lhe digo, Helena. Mas é apenas no espaço que separa estes dois mundos, se podemos dizer assim. Porque como já lhe disse, depois de riacho encantado, existe um novo mundo, onde nenhum sentimento negativo consegue germinar. Foi isso que me disseram e eu sinto que é verdade.
- Estamos no planeta Terra, lembra? Tudo o que estamos vendo e sentindo, deve ser efeito do chá. Não tem outra explicação que seja lógica. Juro que vou descobrir qual a ligação desta casa com o pessoal no outro lado daquele riacho. Vou desmascarar esta estranha organização.

– Você é teimosa mesmo, hein Helena? Mas deixa pra lá, eu estou um pouco cansada.

– Que tal uma xícara do revigorante chazinho e depois um leve cochilo para recuperar as energias?

– De tarde, a mesa fica a nossa disposição e o quarto também está sempre à nossa espera. Notou como há poucas pessoas andando pelo jardim? A maioria já fez um lanche e foi descansar.

– Não é má ideia. Depois você volta naquele lugar comigo? Detesto conversas inacabadas.

– Preciso convencer o Sr. Sombra, ou talvez, quem sabe, ser convencida por ele.

– Combinado. Descansamos um pouco e depois eu a acompanho até lá.

Assim foi feito. Recostada em minha cama, fiquei observando Nora que ressonava gostoso, feito um bebê. Ninguém em sã consciência poderia pensar que aquela linda mocinha pudesse ser uma viciada em drogas.

E por falar em droga, devo explicar que estava profundamente desconfiada de que existia alguma coisa estranha no chá servido naquela casa, eu tinha resolvido não beber mais dele.

Vi com que facilidade minha companheira adormeceu, e isto reforçou ainda mais esta minha decisão. Fiquei algum tempo naquele aposento, até o momento em que a quietude começou a me incomodar. Então, resolvi deixar Nora que dormia o sono dos justos, e fui andar pela casa.

Saí de mansinho, e me dirigia à sala quando um detalhe me fez franzir a testa, intrigada. Dona Maria, em momento algum havia demonstrado cansaço. Neste instante, por exemplo, ela estava conversando animadamente com alguém no corredor, um pouco à minha frente. Não é possível que ela sozinha consiga manter este casarão assim, impecavelmente limpo e arrumado e ainda por cima, cozinhar para tanta gente. Deve haver empregados.

– Vou vasculhar por aí até descobrir onde eles ficam, falei comigo mesma.

– Acho que ela os proíbe de se mostrarem para os hóspedes, para que não comentem com a gente, o que ocorre nesse lugar.

Passei disfarçadamente por Dona Maria, fazendo-lhe um leve aceno com a cabeça.

Ela me sorriu gentilmente.

Depois de entrar por todas as portas que encontrei abertas, constatei que se houvesse serviçais como eu imaginava, eles estavam muito bem escondidos. Além da perfeita ordem e limpeza daquele casarão, nada mais denunciava a presença de empregados no lugar.

Não vi ninguém executando qualquer tarefa, nem ouvi murmúrios ou barulhos que indicassem haver pessoas trabalhando por detrás das portas que encontrei fechadas.

Entrando num lugar e saindo noutro, acabei chegando ao ponto de partida e Dona Maria lá estava, falando e gesticulando agora com outra pessoa.

Quando me viu, veio ao meu encontro.

– Algum problema, Helena? Parece-me que você não quis descansar um pouco, como a maioria dos meus hóspedes. Por que não vai à sala beber uma xícara de chá?

– É bom para relaxar.

– Não, obrigada. Dona Maria, quem ajuda a senhora com as tarefas na casa?

– Andei por aí e vi que tudo é tão arrumadinho!

– Ora Helena, já não pedi para não se preocupar com isto? Ficou aqui para repousar.

– Vamos, conte-me como foi o seu passeio após o almoço.

– Tudo bem, quer dizer, quase tudo. Chegamos perto daquele riacho.

– Ah é? E daí, o que aconteceu?

– Eu estava conversando com a Nora e alguém lá do outro lado se intrometeu na conversa. Eu o apelidei de Sr. Sombra, porque a névoa não deixou que eu o enxergasse claramente.

– A névoa é uma das características no lado de lá. Gostou de conversar com o tal Sr. Sombra?

– Não muito. Ficou o tempo todo tentando me provar que tenho agido injustamente com meu marido. Ele diz que antigamente foi promotor público e, por isso, agora acha que deve ser um defensor universal. Houve outra coisa que me chateou.

– Alguém queria ir morar naquele lugar e padeceu um bocado antes de conseguir entrar no riacho; tudo porque queria conseguir conservar um anel de formatura.

– A senhora acha isto justo?

– Quem somos nós para julgar com certeza o que é justo ou injusto, Helena?

– Eles têm suas normas e todos temos conhecimento delas. Se um de nós decide ir para lá, tem que acatar estas normas, que afinal, resumem-se em apenas duas: livrar-se de tudo o que nos liga a este lado e atravessar o riacho que purifica.

– Se este anel era assim tão importante para aquela pessoa, ela deveria continuar no nosso lado, onde tudo é permitido, você não acha?

– Mas que diferença pode fazer um simples anel de formatura?

– Talvez seja a simbologia, e não o anel em si. Dizem que naquela comunidade todos os membros são iguais, na expressão exata da palavra. Para que isto seja uma verdade, lá ninguém pode ser vaidoso, porque o vaidoso quer se sobressair dos demais.

– Se eles permitirem que alguém vá para lá levando qualquer tipo de coisa que lembre vaidade, será totalmente quebrada a harmonia da comunidade. Entendeu?

– Se é assim, o Sr. Sombra não deveria estar morando lá.

– Por quê?

– Porque ele é vaidoso. O fato de ele querer convencer alguém de alguma coisa indica que ele se julga muito sabido. Isto não é vaidade?

Dona Maria não teve tempo de dar seu parecer porque neste instante, Nora se aproximou de nós. Notei alguma coisa nova nela.

Não sei bem o quê, mas ela parecia diferente do costumeiro.

– Acho que é hora de eu ir embora. Um dia inteiro neste paraíso é o suficiente para mim, mesmo sabendo que breve vou querer voltar.

– Esta pasmaceira começa a me deixar impaciente, disse ela.

– Isto é que não, Nora, disse eu em seguida. Eu preciso voltar lá embaixo e você prometeu me fazer companhia. Além disso, o Emanuel ainda não voltou e sem você vou me sentir sozinha.

– Por favor, amiga, fique mais algumas horas. Já sei. Você espera o Emanuel chegar com o Sérgio, aí a gente te leva para casa, combinado? Olhe, já começou a entardecer e eles não devem demorar, não é, Dona Maria?

– É. Eles devem estar a caminho. Se houvesse acontecido algum imprevisto, teríamos sido avisadas. Isto quer dizer que chegarão a qualquer momento, pois foi isto que estava escrito no bilhete que ele me enviou, respondeu Dona Maria.

– Então, Nora, você fica mais um pouco?



– Está bem, Helena. O que não se faz por uma boa amiga! Mas devo lhe avisar que estou de péssimo humor. Não sei se vou conseguir ser boa companhia.

– Você já me contou que fica impaciente quando resolve voltar pra casa. É como se saísse de um estado de graça, não é? Mas não faz mal. Sei que seríamos boas amigas, mesmo se houvésemos nos conhecido fora daqui, onde ambas estaríamos agindo como simples mortais, sentindo raiva, inveja, tristeza, dor e até mesmo alegria.

– Portanto, apesar de não me sentir ainda completamente dona dos meus sentidos, posso muito bem suportar a companhia de uma pessoa comum como você.

– Mas não vá me contaminar, Ok?

Minha intenção foi ser engraçada, mas não consegui meu objetivo.

Nora me presenteou com um forçado sorriso amarelo. Eu entendi. A bela mocinha estava aos poucos retomando ao seu próprio mundo que não era nada divertido, apesar de ainda não ter ido embora da Casa Azul na Colina. Achei que estava sendo egoísta ao pedir que ela permanecesse.

– Ok, Nora. Você não está nada bem. Vá então para casa. Quem sabe eu encontre alguém que me acompanhe? Se não, eu vou sozinha mesmo. Eu e o Sr. Sombra nos entenderemos, com certeza.

– Pode deixar, Helena. Eu quero ir com você. Estou curiosa para saber como vai ficar o julgamento. Vamos embora.

Durante todo o percurso, Nora manteve-se em silêncio. Eu, solidária com seu estado de espírito, aceitei e compactuei do seu mutismo.

Quando eu ia perguntar se ainda estávamos longe, ouvi a voz do Sr. Sombra.

– Olá, Helena, que bom que você voltou. Já estava pensando que você não viria.

– Não costumo fugir dos meus compromissos, meu senhor. Mas parece que sua pessoa não se mantém muito fiel aos mesmos.

– Por que me diz isso? Prometi que iria esperá-la e aqui estou.

– Não é disso que estou falando. Eu me refiro a compromissos bem mais sérios que um simples julgamento simulado, sem juiz ou réu, e sem jurados.

– Não estou entendendo nada.

– Eu explico. Disseram-me que para fazer parte desta comunidade à qual o senhor pertence, a pessoa tem que renunciar a tudo o que possa ligá-la ao passado, inclusive e principalmente a um sentimento muito comum entre nós e que chamamos de vaidade.

O senhor é um farsante pois não renunciou a ela e mesmo assim instalou-se na comunidade que a repudia. Como conseguiu?

– Também aí, existem os chamados pistolões?

– O que a leva a pensar que eu sou vaidoso?

– Não foi sua a ideia deste julgamento? Isto significa que o senhor pretende me provar que eu não tenho razão, e com esta manobra, me prova sua superioridade em avaliar as pessoas.

Apenas os vaidosos fazem questão de exhibir seus dotes.

– Eu não sou vaidoso e poderia lhe explicar a diferença entre vaidade e compromisso com o mundo. Mas se você acha que eu quero me promover, acho melhor a gente encerrar esta entrevista por aqui. Falhei com você. Adeus, foi um prazer conhecê-la.

- Calma aí, Sr. Sombra. Não vai livrar-se assim facilmente. Faça questão de ouvir sua explicação, ainda mais, porque foi o senhor que me fez voltar aqui.
- Breve voltarei para minha casa e não pretendo ir embora com caraminholas na cabeça. — Preciso entender o que acontece nesta colina e saber o verdadeiro objetivo da comunidade que vive aí neste vale enevoadado.
- Está bem, Helena. Vou tentar fazer você pensar melhor sobre esta concepção de vaidade ou exibicionismo. Se houver tempo, depois continuaremos a falar sobre a culpabilidade ou não de seu marido, em relação à saúde de Vânia.
- Sobre este assunto ainda não tenho definição, mas ele pode ser resolvido mesmo depois que eu for para casa. Quanto às minhas dúvidas sobre estes dois lugares que me parecem interligados, devo resolver agora. Portanto, pode começar a falar, que já perdemos muito tempo.
- Quer dizer que o problema mais doloroso que você já enfrentou vai ficar em segundo plano?
- Esta é uma das maravilhas desta colina. Não consigo me fixar e nem me desesperar pela situação de minha filha desde que aqui cheguei. Parece que estou anestesiada contra tragédias existenciais.
- Isto me abre a mente e me faz perceber melhor o resto do mundo à minha volta.
- Desconfio que isto tem algo a ver com o chá que a dona desta casa nos serve.
- Não vou mais bebê-lo. Percebo que minha sensibilidade está começando a querer funcionar novamente, principalmente quando estou aqui. Já sinto irritabilidade e tenho que me controlar para que a ansiedade não se aposses de mim.
- Gostaria de ouvir logo as suas explicações porque não sei por quanto tempo poderei permanecer neste lugar, independente da volta do Emanuel com o meu marido.
- Pois bem. Vamos ver se me faço entender. Quando alguém decide atravessar o riacho para viver deste lado, renuncia a tudo que possa ligá-lo ao chamado mundo civilizado, isto é irreversível.
- Agora, para toda regra existe a exceção e todos nós, aí e aqui, possuímos um tesouro, que nem querendo poderíamos nos desfazer: a experiência e o conhecimento, adquiridos através dos anos vividos além dos portões da Casa Azul da Colina. Isto é apenas isto, vem conosco para esta comunidade e nos serve como ferramenta de trabalho.
- Deste modo, cada um de nós tenta ajudar da melhor maneira possível a quem necessita de orientação. Isto de modo algum pode ser considerado como vaidade.
- E por que não?
- Você diria que um professor é vaidoso porque tenta transmitir conhecimentos aos alunos?
- Isto é muito diferente.
- Neste caso, os cientistas, inventores, etc, não deveriam mostrar ao mundo suas descobertas, para não serem taxados de exibicionistas?
- Para provar sua modéstia, Albert Sabin, por exemplo, faria melhor engavetando a vacina contra a poliomielite?
- Agora você está tentando dizer que sou mais do que burra.
- Não, Helena. Minha intenção é apenas fazer você ver que a pessoa que descobre ou entende alguma coisa e sabe que isto pode ajudar seus semelhantes, tem o dever de

mostrar suas teorias a respeito do assunto, e tentar provar com os meios que tiver ao seu alcance, que aquilo é bom e pode ser aproveitado para melhorar a vida. Se não fosse assim, que valor teria a pesquisa científica?

– Seguindo seu raciocínio, vou me desculpar, mas não totalmente.

– Não me entendeu?

– Claro que sim. Mas não estamos falando sobre inventos e descobertas da ciência.

– De certa forma, estamos sim. Você me chamou de vaidoso e exibicionista apenas porque eu descobri, que, devido a mais de trinta anos no exercício de uma função em que eu era obrigado a conviver com pessoas de todos os tipos, passei a entender quase com exatidão, os atos praticados por eles. Antes, quando eu era promotor, aí sim, a vaidade me cegava e eu usava meu poder de persuasão para manter minha posição de imbatível. Mas agora não!

– Depois que me mudei para cá, entendi que devo usar meu talento, livre de qualquer compromisso, apenas para ajudar as pessoas que, como você, pensando em se salvar, teimam em não abrir os olhos para a verdade.

– Percebi que, com palavras diferentes, o Sr. Sombra estava me dizendo o mesmo que Nora havia falado antes: eu estava usando o Sérgio para mascarar o meu complexo de culpa, e ao mesmo tempo que tentava me explicar, aquele senhor insinuava que era a mim que pretendia ajudar, e não a meu marido. Eu ia lhe dizer isto, mas não tive chance, porque minha atenção foi desviada para um grupo de pessoas que corriam eufóricas em direção a uma caminhonete parada a alguns metros de onde eu estava.

– Que confusão é esta? perguntei a Nora, que se mantinha muito quieta, sentada na relva.

– O Emanuel chegou com as crianças que irão atravessar o riacho hoje.

Os pequeninos fazem a travessia de barco e o pessoal gosta de assistir.

– Que pequeninos! Eu não vi crianças por aqui a não ser aqueles dois que almoçaram conosco.

– Mas eles não são pequeninos.

– Claro que não. Os que atravessam nos barcos são bem menores. Na maioria, bebezinhos.

– Quer dizer que famílias inteiras se mudam para o vale? Bebês costumam chorar e eu não ouvi nada durante a noite. Onde eles estavam?

– Nem todos que se dirigem para o outro lado, são hóspedes na Casa Azul.

– As criancinhas, por exemplo, vêm direto para os barquinhos.

– O Emanuel os guia pessoalmente para a travessia. Elas vêm com ele em sua caminhonete e são imediatamente transportadas para o lado de lá.

– Puxa vida, Nora, a situação por aqui é bem pior do que eu imaginava.

– Estamos, talvez, em meio a uma quadrilha internacional. Até tráfico de crianças acontece aqui dentro e ninguém procura impedir!

– Você gosta de agitar, não, Helena? O que a faz pensar que estão traficando crianças?

– Devem ser apenas crianças abandonadas que aquela comunidade acolhe.

– Todos os dias várias delas vão para o lado de lá.

– Ninguém até hoje se interessou em saber de onde elas vêm?

– Não. Porque geralmente os hóspedes da Casa Azul na Colina não se prendem a tantos porquês.

— A gente chega, desfruta da excelente hospitalidade e depois vai embora para casa, ou se preferir, para além do riacho. E só isso. Pessoa curiosa e desconfiada feito você, estou para ver outra.

— Mas isto não é apenas curiosidade, Nora. É até uma questão de solidariedade.

— Quem deu ao Emanuel ou a outra pessoa qualquer, o direito de decidir assim a vida das pobres crianças? Mesmo que sejam crianças abandonadas, deve-se levar em consideração o fato de que as pessoas que moram naquele vale não parecem normais, e podem inclusive ser perigosas.

— Não entendo como até hoje ninguém interferiu para acabar com a irresponsabilidade do Emanuel!

— Sabe o que é? Cada pessoa fica pouquíssimo tempo aqui.

— Salvo raras exceções como o caso do Jair ou daquele senhor que vimos chorando, a maioria de nós não chega a permanecer 24 horas neste lugar.

— Mal se tem tempo para raciocinar, mesmo porque, nossa sensibilidade fica muito afetada.

— Você é mais resistente que a maior parte das pessoas. Sua curiosidade, por exemplo, não foi nem um pouco atenuada.

— Nisso eu concordo plenamente com você. E é por causa disso que faço questão de ir ver de perto o que está acontecendo com as crianças. Você vem comigo?

— Vamos, mas e o Sr. Sombra?

— É mesmo, preciso avisá-lo.

— O senhor se importaria de me aguardar uns minutos? Eu disse, voltando a olhar para o vulto no outro lado do riacho.

— Tudo bem. Esteja à vontade.

— Então, até logo mais.

— Adeus, Helena.

Lembro que eu e Nora tivemos algum trabalho para conseguir penetrar entre o pessoal que rodeava a caminhonete. Quando finalmente conseguimos nos aproximar o suficiente, compreendi porque todos queriam ver o espetáculo, que era magnífico.

Onde chegamos a névoa não era tão espessa, o que nos permitia enxergar alguns barcos pequenos atravessando bem devagar o riacho encantado.

Eram embarcações coloridas: tinha barquinhos brancos, amarelos, azuis, rosas e verdes.

Em cada um deles, viajavam, muito ajeitadinhos, cinco ou seis crianças, acomodadas entre almofadas e flores.

Todas as crianças eram lindas e estavam sorridentes.

Fiquei tão encantada com o espetáculo que tinha até esquecido a indignação anterior.

Nisto, vi nos braços do Emanuel, uma criança que fez meu coração dar um salto.

Deus do céu, como se parecia com minha Vânia!

Esta visão agiu como uma alavanca, destravando todos os meus sentidos, que desde a tarde anterior, estiveram semiadormecidos. Comecei a empurrar todos que estavam em minha frente, enquanto as lágrimas rolavam em meu rosto, como se fossem cascatas que tivessem sido represadas por algum tempo. Meu choro se assemelhava a uivos de cachorro ferido. De repente, nem precisei mais lutar contra aquela pequena multidão.

Assustadas, as pessoas se afastavam me permitindo a passagem. Quando cheguei perto do Emanuel, ele já não estava mais com a criança nos braços.

Olhei apavorada em direção ao riacho e vi no último barquinho da fila, a minha filhinha. Ela estava tão linda!

— Por favor, gritei desesperada. Segurem este barquinho cor-de-rosa. Estão roubando o meu bebê.

Alguém conseguiu, com o auxílio de uma vara, puxar a pequena embarcação que ainda estava próxima da margem do riacho, fazendo-a encalhar.

Corri emocionada, estendendo os braços para minha pequenina, que não demonstrava me reconhecer. Então, aconteceu de novo o fenômeno ocorrido naquela hora em que eu queria ajudar ao homem que gemia. Não consegui chegar mais perto da margem do riacho para poder reaver minha criança.

O desespero me invadiu por completo, o que fez com que eu começasse a gritar e pular feito uma louca.

— Helena, disse Nora, que ainda estava ao meu lado. Se você quer chegar até sua filhinha, deve se despir, lembra-se? E não se esqueça também que depois não irá mais voltar.

Para ficar com a Vânia, terá que abandonar definitivamente ao seu marido e suas outras duas filhas. Pense bem antes de tomar uma decisão que será irrevogável.

Estas palavras fizeram com que eu me acalmasse um pouco.

Ainda bastante agitada, respondi:

— Isto é que não! Vou buscar minha filha e vamos as duas para casa.

— Desafio a quem quer que seja para tentar me impedir.

Entre falar e fazer existe uma enorme diferença. Como eu poderia ir buscar Vânia se não conseguia chegar mais à frente de jeito nenhum?

Já ia recomençar com a gritaria, quando uma voz calma, grave e possante, interferiu nos meus planos. Era o Emanuel.

— Calma, Helena. Não adianta você chegar até a Vânia. Ela não vai querer voltar.

— Que coisa mais absurda você está dizendo! exclamei indignada. A menina tem apenas três anos de idade. Como é que você tem coragem de fazer tal afirmação?

— O que você deve é preparar-se para enfrentar as autoridades, porque tão logo eu saia deste lugar, vou direto à primeira delegacia que encontrar, para dar queixa das coisas estranhas que ocorrem por aqui, incluindo rapto de menores.

— Agora, trate de trazer a minha filha de volta, já que eu mesma não estou conseguindo buscá-la.

— Não existe rapto nenhum. Trago crianças que me estendem os braços ao me ver.

— Deste modo eu identifico aquelas que devem viver no vale além do riacho.

— A Vânia estendeu-me os bracinhos quando tinha apenas três meses de vida.

— Só não a trouxe antes porque o Sérgio desejava muito ardentemente que ela ficasse com vocês. Ele sabia que ela devia partir, mas acalentava a esperança de que alguma coisa pudesse acontecer e fosse possível ela ficar. Só agora ele entendeu que não depende apenas da minha vontade desistir dela e finalmente, aceitou a ideia de perdê-la, e deixou, ainda que sofrendo muito, que eu a encaminhasse para a nova vida, onde ela poderá ser feliz.

— Então é isso. O meu marido é seu cúmplice. Por essa eu nunca poderia esperar.

— Sei que ele nunca foi muito ligado à menina, mas não imaginei que pudesse se aproveitar da minha ausência, para poder livrar-se dela. Talvez o acidente tenha sido preparado por

vocês dois, para que eu ficasse retida enquanto executavam este plano criminoso. Ainda bem que eu descobri a tempo de salvar minha filhinha.

— Por favor, Emanuel, você não pode ser tão impiedoso assim. Eu amo a minha criança e nunca fiz nenhum mal a você. Por que quer tirá-la de mim?

— Sei que é complicado de entender, Helena. Mas o que eu lhe disse é a pura verdade. A Vânia quer ir embora e seu marido não tem culpa de nada, muito pelo contrário, durante estes três anos ele sofreu horrores porque sabia que ela não iria ficar com vocês.

— Pedi e implorou para que eu ignorasse que ela precisava partir para além do riacho.

— Eu fiz isso e ela aceitou passivamente permanecer com vocês, embora isto nunca a tenha feito feliz. Agora não posso mais deixá-la sofrer.

— A vida para ela não é ao lado de vocês e eu tenho a obrigação de ajudá-la a se mudar para o lado de lá do riacho, onde ela será feliz para sempre. Para provar a você que não sou impiedoso, mas apenas justo, vou lhe mostrar um atalho por onde você conseguirá se aproximar do barco onde ela está.

— Pode pegá-la e trazê-la de volta, se puder. Também pode mudar-se com ela para a outra margem, se esta for a sua vontade.

— Venha, me dê a sua mão que eu vou colocá-la no rumo exato que dará passagem a você, sem nenhum problema.

Obedeci. Emanuel me guiou até um determinado ponto e mandou que eu seguisse em frente.

Fui rapidamente e quando cheguei na margem do riacho, estava ofegante e completamente gelada.

O desejo de ter meu bebê em meus braços era mais forte que tudo isso.

Tirei-a do barco, mas quase desfaleci quando percebi sua rigidez e o sofrimento em seus olhinhos que me imploravam para largá-la. Isto mesmo.

Seu olhar demonstrava um sofrimento tão intenso que não tive coragem nem para beijá-la.

Tão rápido quanto tinha tirado, coloquei-a de novo entre as almofadas cor-de-rosa.

Aí, então, seu olhar me envolveu cheio de ternura e tranquilidade e eu tive certeza de que o Emanuel tinha toda razão. Minha Vânia não queria ficar comigo. Mas por quê, se eu a amava tanto? Lá, bem dentro do meu coração, ouvi uma voz suave me responder:

— Eu amo você, mamãe, amo meu pai e minhas irmãs. Só que não posso ficar junto com vocês. Mas isso não vai impedir que a gente continue se amando, mesmo vivendo cada um no seu lado.

Devo estar tendo alucinação, pensei assustada. Mas faz horas que não bebo do chá.

— O que está acontecendo comigo?

— Venha, Helena, não pode ficar mais tempo, a não ser que resolva seguir com a menina para o outro lado, disse Emanuel, acenando-me apressado.

Eu não estava disposta a voltar sem minha filha e por isso, decidi que iria com ela.

Lembrei que, para isto, teria que me despir ali mesmo, com toda aquela gente à minha volta.

Reunindo toda força de vontade de que fui capaz, comecei a desabotoar a blusa, quando Emanuel resolveu falar:

— O Sérgio pediu para eu lhe dizer que está esperando por você lá fora, no portão da Casa Azul da Colina. Disse para se apressar porque Valéria e Elisabeth estão com muita saudade de você.

Parei de lidar com os botões e fiquei ali parada, completamente desamparada, sem saber o que fazer.

— Se aceita uma opinião, disse-me Nora, acho que o Sérgio e as meninas precisam de você, ao passo que Vânia já não precisa de mais ninguém.

— Por que diz isso? As meninas têm uma saúde de ferro, graças a Deus.

— Sérgio é ainda bastante jovem para poder refazer sua vida. Mas a Vânia é tão pequenina, doente e indefesa! Quem irá cuidar dela?

— Aceite a realidade, por favor, Helena. Graças à sua curiosidade, acabei por entender onde estamos e por que estamos aqui. Sei que você também já matou a charada e sabe muito bem que no outro lado, naquele vale enevado, a Vânia estará protegida para sempre de todos os males deste mundo.

Tanto que eu também resolvi pôr um fim nessas indetermináveis idas e vindas para a Casa Azul da Colina. Seguindo o exemplo de Vânia, vou atravessar de uma vez o riacho encantado e viver em paz naquela comunidade. Desta forma, matamos dois coelhos com uma cajadada só: defino de vez meu destino e você pode voltar para casa sossegada, porque lhe prometo cuidar de Vânia, embora nós duas saibamos que isto não é necessário. Isto foi dito e feito num piscar de olhos. Em segundos, lá estava Nora, dentro d'água, desencalhando o barco e seguindo ao lado dele, rumo ao vale enevado.

Eu voltei para perto do Emanuel caminhando lentamente, sem coragem de me virar para trás e assistir à despedida definitiva de Vânia, que eu nunca mais iria rever.

Quando finalmente tive coragem de olhar para o riacho, Nora e Vânia eram apenas vultos, iguais ao Sr. Sombra.

— Emanuel, por que Nora não entrou no barco junto com a Vânia?

Havia espaço para ela.

— Não poderia. Apenas às crianças é permitido usar o barco. É que elas não precisam ser purificadas.

O barquinho que transportou Vânia rumo a uma nova vida tinha sido o último naquele dia. Então, o Emanuel foi caminhando ao meu lado, rumo à Casa Azul.

Eu ia feito um robô, alheia a tudo e a todos.

Quando chegamos, Emanuel me avisou:

— Olhe, o Sérgio está à sua espera lá fora. Não quer voltar para casa.

— Quero, mas antes me responda a uma última pergunta.

— As ordens.

— Ontem, por ocasião do acidente, foi o Sérgio que ficou inconsciente. Por que eu estou aqui?

— Saberá, assim que voltar para casa.

— Só mais uma coisa. Se tudo isto é um sonho, por que eu não posso ir até o vale enevado rever minha filha mais uma vez?

— Mesmo em sonho, quem atravessa o riacho, jamais regressa.

— Portanto, se quer voltar para sua família, é este o momento.

— Vá, o Sérgio está lhe esperando.



Bem que eu queria ir embora, mas estava morrendo de medo! O que teria acontecido lá fora durante aquele dia em que fiquei hospedada na Casa Azul da Colina? Só havia um modo de descobrir: regressando.

Fiquei alguns segundos parada e aspirei fundo, tentando angariar coragem.

Finalmente, com um aceno para Dona Maria, que se encontrava me observando, dirigi-me ao portão.

Vi o Sérgio com o ombro apoiado na grade, fitando o chão, muito tristonho.

Meu coração se encheu de carinho, mas ainda demorei um pouco antes de transpor o portão daquele casarão, onde vivi minutos de plena tranquilidade e onde conheci pessoas tão especiais. Ao colocar os pés para fora do portão, senti uma intensa dor de cabeça que me forçou a soltar um gemido abafado, enquanto levava a mão ao local dolorido.

Admirada, vi que tinha bandagem em minha cabeça.

Foi assim o meu reencontro com meu marido. Parada naquele portão, com as mãos na cabeça e gemendo de dor. Assim que me viu, estendeu-me os braços, onde me refugiei de imediato, fugindo à tentação de voltar para a Casa Azul na Colina, onde não havia mais dores.

Senti as pernas se dobrando e o Sérgio me deitou na relva. Eu fiquei ali, inerte, segurando em suas mãos. Aos poucos, fui me descontraindo e reconheci a voz de Valéria, dirigindo-se ao pai:

— Será que agora que não temos mais a Vânia, mamãe vai voltar a gostar da gente?

— Não fale assim, minha filha. Sua mãe nunca deixou de nos amar.

— Deixou sim. Ela se importava apenas com a Vânia.

— Não seja injusta, Valéria. Mamãe percebia que a pequenina precisava muito dela.

— Sabia que havia alguma coisa errada e sofreu muito por isso. Logo, ela irá despertar e nós precisamos lhe dar muito carinho.

— Isto, se ela aceitar, retrucou Elisabeth, entrando na conversa.

"Nossa! Como minhas filhas estavam magoadas!" Eu sentia a presença de todos e isso me dava uma sensação de segurança.

Mesmo assim, estava sem coragem para abrir os olhos e encará-los.

Valéria voltou a falar:

— Não entendo, papai. Você sabia que a Vânia estava doente, mas nem por isso nos deixou de lado, ao passo que mamãe...

— Talvez este tenha sido o erro, minha filha. Eu sabia, e sua mãe não.

— Ela sentia aquela angústia e nem imaginava o por quê. Nunca contei para ela a conversa que eu e o Dr. Afonso tivemos no dia em que fui buscá-la no hospital. Ele me explicou que parecia haver um problema grave com a criança, pediu-me que o autorizasse a fazer uma série de exames e disse que Vânia deveria ficar internada para a realização dos mesmos.

— Sugeri que a mamãe ficasse também, para que não suspeitasse de nada.

— Ele concordou a contragosto, porque achava que era melhor conversarmos logo com ela, para o caso de ser confirmado o problema, como infelizmente ocorreu.

— Dr. Afonso tinha toda razão, porque depois fui acumulando desculpas, sem nunca ter a coragem suficiente para revelar a ela a triste verdade.

— Eu queria preservá-la de sofrimentos antecipados, mas também aí, eu falhei.

— Helena nunca mais foi a mesma, desde o nascimento da Vânia.

– Eu não contei, mas ela adivinhou e minhas desculpas esfarrapadas para suas dúvidas só serviram para que ela concluísse que eu não dava atenção à Vânia, como se fosse possível ignorar aquele rostinho meigo e sempre tristonho. Ela viveu muito pouco, mas eu a amei a cada segundo de sua breve existência conosco.

Como rezei, esperando um milagre que não pôde se realizar.

– A gente também gostava muito de Vânia, papai, falou Elisabeth. Pena que a mamãe quis guardá-la só para si. Quando ela precisava sair, eu e a Valéria aproveitávamos para brincar com ela.

– A gente sabia ser cuidadosa e a Vânia também gostava de nós.

– Sempre que chegávamos perto do berço, ela sorria. Vamos sentir muito a falta dela.

Ali estava minha família, conversando e pensando que eu ainda estava adormecida.

Eu ainda não tinha coragem para abrir os olhos. Mamãe também estava ali, pois ouvi ela dizer:

– Tenha coragem e muita fé, Sérgio. Estas coisas são parte da vida de todos nós.

– Veja, como exemplo, aquela mocinha tão jovem e bonita que precisou dividir este quarto com Helena, por falta de vaga, acabou de falecer na UTI.

– Puxa, que pena, vovó! exclamou Elisabeth, você sabe o que a matou?

– A mãe dela me contou que foi uma super dose de heroína. A pobrezinha foi conduzida ao vício com apenas quinze anos.

– Que tristeza, meu Deus! exclamou Sérgio, penalizado.

– Nem me diga meu filho, continuou mamãe. A pobre senhora está inconsolável, pois não esperava este desfecho. Era fato corriqueiro ela internar a filha de tempos em tempos.

– Infelizmente desta vez foi fatal. Por isso lhe digo que devemos ser fortes, Sérgio, mesmo porque, em certos casos, não temos outra saída a não ser aceitar simplesmente os fatos.

– Acho que eu já aceitei. Agora resta esperar para ver como Helena irá reagir.

– O estado dela me preocupa. O corte na cabeça foi feio, mas não afetou o cérebro.

– Aplicaram sedativos para que as dores não a molestassem, porém, já há algum tempo ela deveria ter acordado. Não sei o que fazer. Como será que ela vai reagir ao saber da morte da Vânia?

– Eu nem quero pensar.

– Pois então não pense. Na hora, a gente vê como é que fica concluiu mamãe.

Eu estava ainda com medo de abrir os olhos. Pela conversa, entendi que havia sido ferida no acidente e desde então estava em um hospital. Eles falaram que minha filhinha havia morrido. Que estranho! Tudo o que vi, senti e ouvi na Casa Azul da Colina tinha sido tão real que não consegui acreditar na morte de Vânia. Para mim, ela estava vivendo muito feliz naquele vale cheio de névoas, além do riacho encantado.

– Pessoal! exclamou Sérgio, muito nervoso: Vejam, a Helena está acordando.

– Olhem só como ela aperta a minha mão. Valéria, vá depressa buscar uma enfermeira.

– Não é preciso, falei baixinho. Eu estou muito bem.

Abri os olhos lentamente, mas mesmo assim, a claridade quase me cegou.

Aos poucos, fui visualizando minha família. Coitados! Todos os olhares estavam em mim, num misto de alegria, ansiedade e consternação.

Consegui esboçar um débil sorriso, na intenção de tranquilizá-los.

Eu me sentia deslocada entre eles. Bem devagar, o gelo teria de ir se quebrando.

Demorou algum tempo para que eu conseguisse me reencontrar definitivamente com as meninas e Sérgio, mas, graças a Deus, conseguimos recuperar toda harmonia que eu quase expulsei de nossas vidas.

## FIM

Este e-book representa uma contribuição do grupo Livros Loureiro para aqueles que necessitam de obras digitais, como é o caso dos Deficientes Visuais e como forma de acesso e divulgação para todos.

É vedado o uso deste arquivo para auferir direta ou indiretamente benefícios financeiros.

Lembre-se de valorizar e reconhecer o trabalho do autor adquirindo suas obras.

Visite nosso Blog:

<http://www.livros-loureiro.blogspot.com/>